

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“UMA CIDADE EM TEMPO DE EPIDEMIA”

Rio Grande e a Gripe Espanhola

( R.S.- 1918)

autor Anselmo Olinto

Florianópolis, agosto de 1995

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“UMA CIDADE EM TEMPO DE EPIDEMIA”

Rio Grande e a Gripe Espanhola

Beatriz Anselmo Olinto

Dissertação apresentada como exigência parcial  
para obtenção do Grau de Mestre em História à  
Banca Examinadora da Universidade Federal de  
Santa Catarina, sob a orientação do Professor  
Doutor Élio Cantalicio Serpa.

Florianópolis, dezembro de 1995

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
RESUMÉ.....	7
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - OLHAR SOBRE A CIDADE: o Rio Grande e o Século XX.....	19
CAPITULO II- FRAGMENTOS DE UMA EPIDEMIA entre falas e silêncios.....	41
CAPITULO III- ESCRITA DA SOBREVIVÊNCIA mulheres, vizinhas e a saúde do lar.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
ANEXOS.....	84
FONTES.....	105
BIBLIOGRAFIA.....	107

## AGRADECIMENTOS

A todos que tornaram possível este trabalho, infinito número de pessoas que de várias formas contribuíram. Destaco aqui os professores do Curso de Pós Graduação em História da UFSC, em especial meu orientador prof. Elio Serpa, pelas críticas esclarecedoras. Os funcionários deste curso: Gilson, Murilo e Jorge, pela paciência e compreensão. Aos meus caros colegas, principalmente a Arselle Fontoura, meu apoio de todas as páginas. As entrevistadas, pela confiança. A minha família e amigos, pela pressão e pela distração consequentemente. A Capes, pelo financiamento. Aos mortos pela inspiração.

OLINTO, Beatriz Anselmo. *“Uma Cidade em Tempo de Epidemia”*: Rio Grande e a Gripe Espanhola (R.S.-1918). Florianópolis: UFSC. 1995. f. Dissertação (Mestrado em História)- Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Élio Cantalicio Serpa

Defesa:

Interpretação de alguns aspectos referentes a história da cidade do Rio Grande (estado do Rio Grande do Sul), frente a epidemia de Gripe Espanhola (no ano de 1918), através de uma análise das práticas e discursos compostos, das reações a este momento de perda dos referenciais e das respostas improvisadas na busca da sobrevivência.

## ABSTRACT

This research tries to make a interpretation of a society, in this case the city is Rio Grande in the state of Rio Grande do Sul, southern Brasil. The year is 1918, in the end of the First War, when the Spanish Influence Pandemic arrival in the city.

The issue is to build an analisis of praxis and discourses that will be compound and what reactions and answers the people will make in a time without daily referencials, in a search for their survivel.

In a moment when death is a shadow, the fear is always present, the people are sick and relationship are risky. Bettween philanthropy and solidarity, this society will survive, but finding this ways is not easy task. This work will walk around the streets of this city, tryng to talk whith papers and old peoples, wherever, whith ghosts too.

## RESUME

Cette recherche fait une interprétation d'une société, dans ce cas, la ville de Rio Grande, dans la province de Rio Grande do Sul, sud du Brésil. L'année est 1918, dans le fin de la Première Guerre mondiale, quand l'épidémie d'influenza espagnole est arrivée à cette ville.

La question est de construire une analyse des pratiques et discours composée en réponse pour cette situation. Quelles sont les réactions des personnes dans un temps où les références quotidiennes sont diluées et comment elles cherchent leur survie?

Dans un moment où la mort est un'ombre qui rôde sans discrétion et la peur il y a toujours présent au milieu de la vie. La maladie retourne les relations interpersonnelles à un danger. Entre philanthropie et solidarité, cette société va survivre, mais n'est pas facile.

Une recherche pour cette survie, ce travail est un chemin par les rues d'une ville-mémoire, essayer un dialogue avec les vivants, mais peut-être, aussi avec le fantôme.

*Ao meu pai*



*“Não, não acreditei ter remontado às presumíveis águas do Tempo; antes imaginei-me possuidor do sentido reticente ou ausente da inconcebível palavra eternidade.”*

*“O Tempo, se podemos intuir essa identidade, é uma ilusão: a indiferenciação e a inseparabilidade de um momento de seu aparente ontem e de outro de seu aparente hoje, bastam para desintegrá-lo”*

Jorge Luis Borges, *História da Eternidade*.

## INTRODUÇÃO

*“ Acredito ser na memória humana  
o único exemplar de nossa espécie a ter  
nafragado num navio deserto”<sup>1</sup>*

Escrever para não deixar perder-se, como se mesmo quando possuiu já não estivesse perdido. Pois o movimento constante e a conversa infinita entre os tempos, faz da fluidez da memória algo inesgotável. Ao escrever, fixamos um momento pessoal, uma visão passageira. Logo através de outras experiências, leituras e contatos, esta imagem transformar-se-á. Aquela imagem não será mais a mesma, só restando o que dela se tiver transferido a um papel. Impossível fugir á solidão intrínseca de todo o ser humano, abandonado em um universo de lembranças constantemente reformuladas, tornando fugidia cada imagem construída. Por entre uma sociedade de regras, usos, apropriações e

---

<sup>1</sup> ECO, Umberto. *A Ilha do Dia Anterior*. São Paulo: Record, 1995. ( p. 9)

reapropriações; entrando em um jogo que já havia iniciado quando se chegou e ao qual não se estará presente ao seu final. O vácuo que esmaga o peito jamais irá cessar, apenas dissimula a sua presença para logo, surpreender.

Sutil escapatória escrever, no papel tudo é possível, todos estão presentes, todas as experiências. Lançar-se com este intento é uma forma não de fuga da realidade, mas sim, a uma interpretação do mundo que enxerga-se em frente aos olhos. Pessoal e dolorida talvez, mas feita através de lentes famintas de vida, pois o pulsar desta invade todos os espaços impregnando-os com a irresistível sedução do existir.

Escrever um dissertação de mestrado em História é uma insípida tentativa de formalizar o desejo fugaz de controlar o tempo. Entre infinitas possibilidades, é necessário decidir quem e o que permeará o trabalho e de que maneira, em detrimento das outras inúmeras histórias possíveis que não estarão presentes e que talvez nunca sejam compostas. Mergulhar entre memórias e relatos, que infiltram-se pelo presente mesclando-se com outras experiências, sentidos e memórias, buscar objetividade no subjetivo, interpretar para formar um texto. Trabalho ingrato pela sua infinitude e complexidade.

O que se pretende realizar é sempre uma meta fugidia que avança um passo a cada passo dado em sua direção, como uma linha de horizonte sempre inatingível. Torna-se necessário colocar um ponto fixo como objetivo, seguindo a caminhada apenas até alcançá-lo. Mas se depois de muito caminhar, percebe-se que o ponto, que se pensava fixo olhado a distância, era a vela de uma barco também em movimento?

Este trabalho compõe visões de uma cidade, de uma epidemia e de como se engendra a sobrevivência, buscando fragilidades em um projeto de modernidade e, desta forma, dar alguma visibilidade a um avesso deste. A partir do primeiro capítulo fala-se

sobre aspectos de um mundo em uma cidade, olhando-se o geral inserido em um fragmento. Tenta-se localizar este naquele. O segundo capítulo envolve a cidade por entre as visões contruídas sobre a epidemia de Gripe Espanhola, mergulhando em um mundo de falas e silêncios, “verdades” e contradições. No terceiro, mostra-se como esta cidade, as suas pessoas engendram a sobrevivência a tal situação, onde buscam respostas que possibilitem a conservação desta sociedade. Cada capítulo possui os outros, pois é impossível delimitar o terreno de cada um neste micro universo infinitamente correlacionado composto por esta dissertação.

A cidade é Rio Grande, o ano é 1918 e a epidemia é a Gripe Espanhola. Referindo-se a esta epidemia, na verdade uma pandemia pois teve proporções mundiais, Susan Sontag comenta sobre a “anmenésia histórica”<sup>2</sup> que a envolve. O que, apesar dos trabalhos já realizados<sup>3</sup>, parece ainda manter-se a um certo nível e permite levantar a questão do porquê de tal situação. A gripe espanhola matou no mundo uma média de 25 milhões de pessoas<sup>4</sup>, desta maneira foram mais mortes do que as causadas pela Primeira Guerra Mundial e superada neste século apenas pelas mortes causadas pela Segunda Guerra. É de estranhar que a extinção de tantas vidas humanas receba esta relativa falta de atenção. Afinal, não é a importância dos números, mas sim as vidas neles contidas.

A gripe, ou influenza, não tem cura. O invólucro do seu vírus ( formado pelos antígenos: hemaglutinina e neuramidinase) é extremamente mutante, o que impede o

---

<sup>2</sup> SOTAG, Susan. *A Doença Como Metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984..

<sup>3</sup> Sobre a Gripe Espanhola no mundo pode-se citar os trabalhos de W. I. Beverindg , de Alfred W. Crosby (especificamente sobre os U.S.A.) e Cláudio Bertolli Filho ( sobre São Paulo).

<sup>4</sup> BEVERINDG, W. I. B. The Chronicle of Influenza Epidemics. In: *History and Philosophy of the Life Sciences*. vol 13, n 2. London: Taylor & Francis, 1991.

reconhecimento pelo organismo<sup>5</sup>. As grandes pandemias de gripe são relativamente frequentes<sup>6</sup> e estima-se que aproximadamente a cada década haja uma pandemia de alguma proporção. Entre as pandemias de gripe conhecidas a mais severa foi a de 1918.

A influenza<sup>7</sup> responsável pelas epidemias é a de vírus tipo “A”. Este vírus sofre as variações antigênicas, que possibilitam o seu ataque em pessoas que tivessem desenvolvido anticorpos em infecções virais anteriores. A hipótese para estas mutações que impossibilitam o reconhecimento do vírus pelo organismo, é que ocorram quando o vírus da gripe humana recombina-se com o vírus animal em uma nova hibridização.

Comumente os médicos consideram uma doença “democrática”<sup>8</sup>, já que esta ataca todas as camadas da sociedade indiscriminadamente. Mas esta visão destroi-se quando olha-se para a sobrevivência ao vírus, privilégio este, reservado na sua maioria às camadas que possuíam uma situação econômica que lhes proporcionava acesso à boas condições de vida no período anterior à infecção. Isto possibilita, conseqüentemente, uma maior resistência orgânica, como foi o caso da epidemia de 1918. Pode-se perceber isto através das profissões e os totais de óbitos na tabela a seguir:

---

<sup>5</sup> Estas recombinações entre a hemaglutinina e a neuramidinase, provavelmente, ocorrem quando o vírus da gripe humana encontra-se com o vírus da gripe animal ocasionando uma nova combinação apesar do vírus ser o mesmo. Isto impossibilita o reconhecimento dele pelos anticorpos do organismo.

<sup>6</sup> Sobre as principais pandemias são registradas : 1732, 1789, 1847, 1889( conhecida como Asiática ou Russa), 1918, 1957 e 1968. Segundo PYLE, Gerald F. *Medical Geography*. Washington, Whiston & Sons, 1979.

<sup>7</sup> O nome Influenza vem do italiano *influence*, pois considerava-se a influencia do frio, do calor e até das estrelas como causadores da doença.

<sup>8</sup> Ver PYLE, Gerald F. op. cit. e MILLER, D. L. *Acute Respiratory Infections*. In: MILLER, D. L. & FARMER. *Epidemiology of Discurser*. Oxford, Black Well, 1982.

Tabela 1 :

Profissões Registradas nos Óbitos do Registro  
de Sepultamento do Cemitério Católico

PROFISSÃO		TOTAL DE ÓBITOS	
Operários	19	Marítimos	4
Comerciários	12	Estivadores	4
Jornaleiros	12	Pescadores	3
Foguistas	8	“Trabalhadores”	22 <sup>9</sup>

Como pode ser visto na tabela acima, o operariado e os trabalhadores em geral, do Rio Grande foram as grandes vítimas da influenza nesta cidade. Mas, outro ponto singular desta epidemia foi que a faixa etária mais atingida, não foram os idosos, que juntamente com as crianças, são normalmente mais vulneráveis. A mortalidade mais alta ocorreu entre os adultos jovens, o que remonta as suas condições diárias de sobrevivência, como vê-se na tabela abaixo:

<sup>9</sup> Dentro da categoria “trabalhadores” estão inseridos: carpinteiros, carregadores, carvoeiros, padeiros, taifeiros, pedreiros, ferroviários, etc. Também lembrar que somente algumas vezes a profissão era registrada e que somente os registros com causa mortis oficialmente de influenza podem ser considerados. Fonte Registro de Sepultamento do Cemitério Católico, Santa Casa de Misericórdia.

Tabela 2 :

## Mortalidade Total Registrada pela Influenza por Idade

IDADE	HOMENS	MULHERES
0-10	48	35
11-20	32	22
21-30	62	46
31-40	39	28
41-50	33	19
51-60	12	7
61-+	8	6

10

Dar visibilidade a estes sujeitos é uma tarefa difícil e extremamente limitada pela dificuldade colocada pela ausência de fontes. Ausência esta que surpreende, afinal se está falando de um período recente da história. É certo que poucas pessoas que presenciaram a epidemia ainda continuam vivas, mas como explicar a falta de registros escritos? Como se a “amnésia histórica” também se estendesse às fontes. O medo de que o simples falar poderia atrair a epidemia é uma motivação tão pouco consciente e tão presente que será tratada posteriormente neste trabalho. Mesmo quando as fontes existem, o silêncio e a exclusão dos operários, mulheres e dos pobres em geral, são outra ausência que pesam e levam a busca destes nas entrelinhas e nas entrevistas.

Tendo-se estes esclarecimentos, é importante compreender que pretende-se aqui não uma análise de um universo visto como objetivo, mas sim um perder-se em meio a uma pluralidade de práticas sociais, culturais, políticas ou/e discursivas, constantemente em movimento em um jogo de interdependências<sup>11</sup>, pois o labirinto não é só a pátria de quem

<sup>10</sup> Fonte Registro de Sepultamento do Cemitério Católico, Santa Casa de Misericórdia.

<sup>11</sup> Concordando com CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1990; pode-se dizer que “o plural e contraditório são o sal da terra e da história”.

teme chegar ao fim<sup>12</sup>, mas também a de quem ao saber que o fim não existe, procura conhecer bem os caminhos do seu próprio labirinto, fazendo deste o seu mundo e meta.

Assim arrisca-se algumas interpretações de um universo, olhado através de uma visão que também tem o seu lugar ( social, cultural, geográfico, etc...e pessoal ). Impossível diferenciar o que você é do que você enxerga.

Cidade, modernidade, saber médico e sobrevivência são palavras já muitas vezes conceituadas e utilizadas. Assim torna-se importante falar-se um pouco a respeito. A cidade é vista neste trabalho não como um espaço apenas geográfico, mas sim como um lugar em constante construção, nunca podendo ser apanhada como um todo, apenas mostrando alguma de suas fases a cada intenção de interpretá-la. Cidade feita por várias cidades, onde definem-se espaços, cotidianos, saberes e sobrevivências. Cidade memória, onde sujeito e objeto já perderam suas fronteiras há muito tempo, e cada vez que se chama “cidade” evocam-se todas as cidades já vistas e todas as leituras já feitas.<sup>13</sup>

No caso da modernidade, que terá alguns dos seus aspectos discutidos no primeiro capítulo, ela é concebida como um conjunto de avanços técnicos, expressões artísticas e intelectuais que apresentam-se como novas, mas em suas relações com o velho demonstram-se enganadoras<sup>14</sup>. Por um lado os ideais de progresso e ciência burgueses e de outro, a miséria e a exclusão da maioria da população.

---

<sup>12</sup> BOLLE, Willi . *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo, USP, 1994.

<sup>13</sup> Este olhar é permeado pelas cidades de outros: como as invisíveis de Italo Calvino, os labirintos da metrópole de Willi Bolle e os múltiplos olhares de Maria Stella Brescianni, entre muitos outros que povoam a mente de quem se arrisca a escrever uma história.

<sup>14</sup> BOLLE, Willi. op. cit. (p. 24)



É impossível falar em modernidade e não pensar na ciência lendo e compondo suas respostas para o mundo. Neste mundo de saber e verdades a ciência médica e as verdades higiênicas tem para este trabalho um papel fundamental. Pode-se então enxergar o saber médico compondo respostas, disciplinando e ingerindo-se tanto em espaço público, como em espaço privado. Pode-se acompanhar Michel Foucault em *O Nascimento da Medicina Social* ou em *O Nascimento da Clínica*<sup>15</sup>, ou seguir a Jurandir Freire Costa em *Ordem Médica e Norma Familiar*<sup>16</sup>. Tanto o corpo, como a família, como a sociedade, estarão sendo repensados pelo saber médico e seus sujeitos, o mundo que os cerca será normatizado, disciplinado e seus viveres gerenciados.

Resta ainda falar desta população excluída referida um pouco acima, excluída por que, mesmo estando incluída neste projeto para a sociedade, ela encontra-se como alvo de uma ação coercitiva que impõe uma nova ordem no seu viver, reservando-lhe espaços e controlando seus hábitos. Esta população - as camadas pobres, trabalhadoras e miseráveis- estavam presentes como o perigo a ser afastado da civilização moderna e higiênica. Incluída neste projeto para poder ser excluída de maneira mais eficaz.

Em um momento onde a morte é uma sombra a rondar sem disfarces, o medo está sempre presente permeando o viver, a doença tornou as relações interpessoais um risco e a busca pela sobrevivência diária compõem-se entre filantropia e solidariedade; este trabalho caminha pelas ruas de uma cidade memória, tentando dialogar com papéis, pessoas idosas, mas talvez, também com fantasmas.

---

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel . *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1977. Idem, *Microfísica do Poder*. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. “É a ele (o médico) que a cidade deve confiar a vida dos homens em lugar de deixá-la à mercê dos astuciosos e das comadres”( p 45).

<sup>16</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

*“Milhões de olhos erguem-se diante de janelas pontes alcaparras e é como se examinassem uma página em branco. Muitas cidades (...) evitam os olhares, exceto quando pegas de surpresa.”*

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*.

*“Uma das formas da saúde é a doença. Um homem perfeito, se existisse, seria o ser mais anormal que se poderia encontrar.”*

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, vol 1.

CAP. I - FRAGMENTOS DE UMA CIDADE:  
o Rio Grande e o Século XX

*“ Se dividirmos os relatos existentes de cidades em dois grupos, conforme o lugar de nascimento do autor, perceberemos que os escritos por autóctones são minoria. O motivo superficial, o exótico, o pitoresco, só atrai os de fora. Para o autóctone obter a imagem de sua cidade, são necessárias motivações diferentes, mais profunda. Motivações de quem em vez de viajar para longe, viaja para o passado. Sempre o retrato urbano do autóctone terá afinidade com o livro de memórias, não é a toa que o escritor passou a infância neste lugar.”<sup>17</sup>*

---

<sup>17</sup> Walter Benjamin citado por BOLLE, Willi. op. cit.(p.316).

Pelas ruas da cidade, por entre objetos, estátuas e propagandas, a circulação das pessoas é incessante. Por trás de cada um, um olhar inventando e reinventando este microcosmo social. Infinitas cidades em uma só, onde organizam-se relações, discursos e práticas. Espaço onde o cotidiano se inventa com mil maneiras de “caça não autorizada”.<sup>18</sup> O historiador também constrói uma visão, dialogando com fontes escritas e/ou lembranças, permeando-as com o seu olhar, buscando interpretar um jogo intricado de relações, mudanças, adaptações e resistências.

O olhar está perdido por entre as ruas de uma cidade chamada Rio Grande, no estado de Rio Grande do Sul. Cidade localizada em uma península expremida entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, um lugar onde o ser humano teima a séculos em tentar estabelecer-se, contra as intempéries da natureza. Uma região plana formada de banhados e dunas de areia, onde o vento muda de direção e intensidade, mas nunca se ausenta.

Rio Grande foi fundada pelos interesses estratégicos dos portugueses, na longa disputa com os espanhóis pelo acesso ao Rio da Prata. Desta maneira era um local de apoio à tentativa de manter a Colônia do Sacramento na banda oriental do Uruguai. É sob este prisma - as questões de fronteiras no extremo sul do Brasil - que encontra-se a presença desta futura cidade na historiografia sobre o século XVIII.<sup>19</sup>

Outra questão presente, ainda no século XVIII, é a vinda dos imigrantes açorianos:

<sup>18</sup> O termo “caça não autorizada” é de Michel de Certeau em *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994, onde refere-se as “maneiras de empregar os produtos impostos”, em uma reapropriação e utilização de infinitas metamorfoses cotidianas. Ver também em: PERROT, Michele. *Os Excluídos História.: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988; onde a autora acrescenta sobre a capacidade de aproveitar as potencialidades da cidade: “A cidade é um mercado, uma floresta onde se pode caçar furtivamente.” Já em Italo Calvino busca-se *As Cidades Invisíveis*. São Paulo, Cia das Letras, 1990. para compor com a idéia de múltiplas cidades envoltas em memória e olhar.

<sup>19</sup> QUEIROZ, Maria Luiza. *A Vila do Rio Grande de São Pedro (1737 - 1822)*. Rio Grande: Furg, 1987. MIRCO, Carmem Helena. *Textos para a História do Município do Rio Grande ( XVI - XVIII)*. Rio Grande: Furg, 1987.

*“A respeito dos casais que se diz quererem passar ao Brasil e resolvendo o seu transporte se estabelecerão por ora duas colônias na Ilha de Santa Catarina e no Rio Grande de São Pedro”<sup>20</sup>*

A partir do final do século XVIII, principalmente, graças ao desenvolvimento das charqueadas e também pelo fomento da agricultura, o porto do Rio Grande passará por uma expansão das suas atividades comerciais, o que caracterizará a sua economia durante todo o século XIX. Desta forma, fixando a sua importância crucial para o comércio nacional e internacional do Rio Grande do Sul.

A posição de único porto marítimo do Rio Grande do Sul e as conseqüentes facilidades para o comércio proporcionadas por esta posição, possibilita que ali se instalem diversas indústrias desde meados do século XIX e principalmente a partir do início do século XX.<sup>21</sup>

No presente, - neste final do século XX - olhar para os prédios desta cidade, mais velhos do que antigos, com as suas marcas deixadas pela umidade, é como ver lágrimas escuras que marcam um rosto triste<sup>22</sup>. O vento traz consigo os odores do mar, da areia, da chuva e das indústrias. No seu assovio, tem-se a impressão de ouvir-se vozes que contam

<sup>20</sup> QUEIROZ, Maria Luiza. op. cit.( p 30 ).

<sup>21</sup> Alguns fábricas instaladas em Rio Grande a partir do final do século XIX: Indústria Textil Reinghantz em 1879, Indústria Textil Italo-Brasileira em 1904, Leal Santos Alimentos em 1890, Frigorífico SWIFT em 1917. Em relação aos frigoríficos ainda durante a Primeira Guerra houve a instalação de outros três na região sul do estado e que tinham seus produtos exportados pelo porto de Rio Grande, eram eles: Armour em 1917 e Wilson em 1918, em Santana do Livramento; e o Frigorífico Rio-Grandense, pertencente aos próprios estanceiros que tentaram instala-lo em Rio Grande, mas com a implantação da SWIFT nesta cidade, acabam por coloca-lo na vizinha cidade de Pelotas. PESAVENTO, Sandra J. *História do Rio Grande*....op.cit. (p. 71)

<sup>22</sup> Metáforas são como os hieróglifos para Umberto Eco: “Não diz e não esconde, apenas mostra.”Eco, Umberto. *A Ilha do Dia Anterior*. op. cit., (p 345).

histórias de um passado, atordoando a ciência para falar de experiências, possibilitando um diálogo de temporalidades onde sujeito e objeto fundem-se contruindo a história. Como diria Bibiana, personagem de Erico Veríssimo: “noite de ventania, noite dos mortos”.<sup>23</sup>

Estas histórias, esta multiplicidade de cidades, é com quem se pretende compor um diálogo construindo algumas histórias possíveis, ao perder-se pelas suas ruas, praças e caes por entre as primeiras décadas do século XX. É do novo século e da sua modernidade que fala Wille Bolle:

*“ O século XX , tampouco como o anterior , não soube corrigir a discrepância entre as enormes possibilidades abertas pelo progresso da técnica - as aspirações da modernização - e a falta efetiva da criação de um mundo melhor. ”*<sup>24</sup>

Um novo século iniciava-se e no centro do país, a jovem república brasileira continuava fazendo a riqueza dos cafeicultores, o endividamento do país e a miséria da maioria da população.<sup>25</sup> Mas haviam novas questões: em nome da modernidade, a sociedade seria esquadrinhada e dissecada pelos saberes científicos. Colocava-se sobre esta as novas possibilidades técnicas, mas mantinha-se a mesma ordem social. O corpo da sociedade era o alvo de uma proteção quase médica, sobre ele eram aplicadas receitas terapêuticas, como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos e a exclusão dos

<sup>23</sup> VERISSÍMO, Érico *Ana Terra*. Porto Alegre: LePm.

<sup>24</sup> BOLLE, Wille, *op. cit.* (p. 24)

<sup>25</sup> PESAVENTO, Sandra. *História do Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

delinquentes.<sup>26</sup> Nesse sentido desenvolveram-se práticas intervencionistas no meio urbano, afinal a concentração de pessoas havia revelado-se um paradoxo, se por um lado possibilitava a aglutinação da mão de obra, a divisão do trabalho, a maior produtividade; por outro representava uma ameaça potencial permanente a “sociedade civilizada”, não só pelo perigo de rompimento da ordem estabelecida, como também pela espectro da contaminação, já que o pobre era visto pelas elites como um transmissor potencial de doenças, devido aos seus hábitos “degradados”:

*“ A intervenção técnica na cidade participa de um movimento do conhecimento que partiu da circunscrição da doença e da observação dos corpos doentes para modificar o meio físico em que a doença aparece. ”<sup>27</sup>*

Havia, então, uma necessidade de esquadrihar, tornar legível, disciplinar esta população. É o momento em que o saber médico-higienista lança o seu olhar sobre a sociedade, intervindo no sentido de constringer as pessoas a um comportamento previsível e pré-determinado, estendendo à população pobre as regras disciplinarizadoras da “civilização”, da qual ela não fazia parte, nem viria a fazer, já que esta intervenção acaba por segregar e excluir ainda mais .

Estas respostas seriam formuladas com base em “verdades” científicas, afinal era a ciência, que lia a sociedade como um problema e formulava as suas soluções. A luz de uma vela sobre o papel branco torna-o aos olhos amarelado e a pouca intensidade da sua

<sup>26</sup>FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. op.cit (p. 95).

<sup>27</sup> BRESCIANNI, Maria Stella-*Permanência e Ruptura no Estudo das Cidades-Conferência, UniCamp, 1990*. Também ver sobre as cidades e a multidão em Brescianni: *Londres e Paris, o espetáculo da pobreza*-7 ed. São Paulo: Brasiliense,1992.

claridade deixa sombras que pedem um maior esforço à visão, não afastando a escuridão a uma distância confortável, para quem já está acostumado a iluminação elétrica. Esta sim, terminando com o mistério da penumbra, expõe a uma luz intensa e objetiva todos os cantos de um lugar tornando impossível não enxergá-los como de “fato” são, sem a dúvida que permitiria uma diversidade de elocubrações e interpretações sobre eles. É desta forma que a ciência lançou-se sobre a sociedade, esmiuçando-a em todos os cantos, terminando com os mistérios, estabelecendo “verdades”, colocando coisas e pessoas sob a sua luz. Não é a toa, que é prática em um interrogatório, foca-se uma luz intensa sobre os olhos da vítima, a “luz da verdade”, quando não é mais possível continuar mentindo. No caso, a vítima poderia ser a sociedade sobre a qual a luz da ciência estava focada, regrando hábitos, gerenciando viveres. Tentando impedir que se formassem sombras, onde o outro, o diverso, o avesso, poderia sobreviver.

*“Só poderia haver medicina das epidemias se acompanhada de uma policia.”<sup>28</sup>*

Papel fundamental nesta intervenção é o exercido pela medicina e o urbanismo. Desde o final do século XVIII, a Inglaterra presenciara o aparecimento de uma “medicina social” que possibilitava a submissão da população pobre a partir do momento em que esta se beneficiava do sistema de assistência.<sup>29</sup> É uma intervenção no corpo e na saúde do pobre, tornando-o mais apto ao trabalho e menos ameaçador à sociedade. Esta necessidade crescia

---

<sup>28</sup> FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Medicina Social*. op. cit (p 27).

<sup>29</sup> Sobre os olhares lançados sobre a cidade ver: BRESCIANI, M.S.- *Ruptura e Permanência* ...op. cit. Sobre a “medicina social”, Michel Foucault trabalha em *A Microfísica do Poder*. op. cit. ( p 79).



na mesma medida que a multidão nas ruas dos centros urbanos, ordas de operários, sub-empregados e desempregados que haviam surgido juntos com a industrialização. Já nos meados do século XIX, são realizadas as reformas de Haussman em Paris, é um momento em que o urbanismo lê a cidade com o intuito de facilitar a circulação: grandes avenidas, substituem as antigas ruelas e becos; parques, onde o ar possa purificar-se; o embelezamento para a cidade que seria “luz”.<sup>30</sup>

No Brasil, percebe-se principalmente a partir da virada do século, uma tendência crescente em meio as elites intelectuais, governamentais e econômicas de comporem discursos e práticas visando este esquadrihar da sociedade em nome da modernidade e da civilização. Desta forma as reformas higiênico-urbanas iniciam-se nas suas principais cidades, *“conjugando o olhar médico com o saber do engenheiro na observação/transformação do meio urbano”*<sup>31</sup>

As reformas empreendidas na prefeitura do engenheiro Pereira Passos no Rio de Janeiro é o exemplo típico; por um lado buscavam a remodelação da cidade, com a abertura de avenidas, demolição dos cortiços, a expulsão dos pobres do centro da cidade e o embelezamento, por outro, empreendiam a campanha sanitarista a cargo do médico Oswaldo Cruz, tendo como objetivo principal o combate à febre amarela, à peste bubônica e à variola. Com vistas a melhorar a imagem da cidade, pois a sua insalubridade prejudicava o comércio e a vinda de imigrantes. Estas reformas também funcionavam no sentido de

---

<sup>30</sup> Sobre as reformas de Haussmann em Paris, PERROT, Michelle in: *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, diz: “A ambição operária se inscreve no coração das cidades.(...) Isso dá idéia do traumatismo que representa aquilo que se costuma chamar de haussmannização, essa operação conjunta de política e higiene que consiste em desafogar o centro da capital pelo duplo movimento das aberturas de vias de circulação e alta dos aluguéis, gerado pelas demolições.”( pag 119). Já SENNET, Richard in: *Flesh and Stone*. New York, W.W. Norton & Cia, 1994, compara o traçado das novas ruas abertas por Haussmann com veias e artérias assim demonstrando a prioridade da circulação, no caso de coisas e pessoas na cidade.

<sup>31</sup> BRESCIANI, M. S. *Ruptura...* op.cit.(p. 3).

diminuir a ameaça latente que representava para as elites esta divisão do mesmo espaço com os pobres, operários e suas doenças e revoltas. Ao expulsá-los para a periferia, havia uma redefinição dos espaços e esta divisão mantinha a salvo as elites desta convivência.

Impostas à população através de uma intervenção constante, coercitiva e autoritária; estabelecendo regulamentos de saúde, proibindo habitações insalubres, promovendo invasões de domicílios, vacinações obrigatórias, estas campanhas ocasionaram várias formas de resistência, não só abertas e diretas, como a Revolta da Vacina, mas também, um engendrar de comportamentos e adaptações no sentido de possibilitar a sobrevivência diária.<sup>32</sup>

Nas reformas no Rio de Janeiro, vê-se um trabalho conjunto entre engenheiros e médicos, mas esta relação não é sempre “harmoniosa”, principalmente nas regiões do país onde os positivistas estavam mais diretamente ligados ao governo, como no caso do estado do Rio Grande do Sul, onde estes governavam.

A singularidade do Rio Grande do Sul neste momento vem da questão que, neste estado os positivistas estavam diretamente no governo. As retrições de Augusto Conte em relação aos médicos, aos quais tinha severas críticas por achá-los materialistas, pois que, “estes consideravam o ser-humano como um corpo não compreendendo a indivisibilidade deste ser”, iria marcar o pesamento dos positivistas gaúchos.<sup>33</sup> Como fora visto no Rio de Janeiro, durante a Revolta da Vacina, onde os positivistas ortodoxos haviam sido contra a

---

<sup>32</sup> Sobre as reformas no Rio de Janeiro e suas correspondentes resistências ver: CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados*. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1991. SOIHET, Rachel. O Rio de Janeiro na Belle Époque: modernização conservadora e resistência popular. In. *Anais da X Reunião*. Curitiba: SBPC, 1991. CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987.

<sup>33</sup> Segundo Günter Weimer, Augusto Conte entenderia que a medicina estava ligada exclusivamente à patologia fisiológica, razão por que reservava-lhe um lugar bastante desprezível dentro do contexto geral da biologia. (Weimer in: *Urbanismo no Rio grande do Sul* Porto Alegre: UFRGS, 1992)

vacinação obrigatória, pois não aceitavam nem a existência do vírus, nem a interferência do poder material (o governo) em questões de saúde, área reservada ao poder espiritual.

Para os positivistas rio-grandenses criava-se uma necessidade de compor respostas positivistas para as questões colocadas no momento, estas respostas configuraram-se através de deixar a cargo, não dos médicos, mas sim dos engenheiros os grandes projetos estaduais da modernidade: urbanização, saneamento e higienização das principais cidades do estado. Para isto foram criadas escolas de engenharia e nelas instituídos cursos voltados especificamente para aquelas áreas<sup>34</sup>.

Logo a cidade do Rio Grande seria a primeira, do interior, a ser saneada. Afinal como único porto marítimo do estado era uma região estratégica, o que a colocava no centro destes projetos, como será visto a seguir. Já em 1909 o plano de saneamento de Rio Grande estava pronto, mas somente em 1917 as obras seriam iniciadas. Por este motivo, em 1918, as ruas da cidade estariam com enormes valas abertas para a colocação dos encanamentos para os esgotos, o que gerava transtorno à população e a conseqüente antipatia pelas obras.<sup>35</sup>

O projeto previa a instalação de redes de abastecimento de água e esgoto, além de uma drenagem dos inúmeros terrenos alagados da cidade. É importante ressaltar que nos próprios relatórios das obras estava determinado uma divisão de espaços entre médicos e engenheiros:

*“O saneamento das cidades na parte que afecta à engenharia, compreende: serviço de águas, serviços de esgotos, drenagem,*

<sup>34</sup> Idem, (p 97).

<sup>35</sup> O jornal “Echo do Sul”, manteve em suas paginas durante o mês de outubro este tipo de crítica .

*remoção e tratamento do lixo, aeração e  
isolação das ruas e prédios, e calçamentos.  
Tratando a engenharia de resolver estes  
problema, cumpre a hygiene, especialmente  
afecta aos médicos, zelar pela manutenção do  
asseio em todos esses serviços e mais ainda  
pela limpeza dos prédios, pela verificação do  
bom estado dos generos de alimentação,  
principalmente o leite, pela inspecção de  
padarias, hotéis ou restaurantes e  
lavanderias.(sic)''<sup>36</sup>*

A divisão aí colocada deixa o saber médico em uma posição inferior, como zeladores de um projeto, pensado e executado pelos engenheiros, a estes sim caberia olhar cientificamente para a sociedade e reorganizá-la.

Várias outras obras estavam sendo realizadas na cidade, com vistas a modernidade. As obras no porto vinham sendo realizadas desde a virada do século e seriam encerradas somente no ano de 1919. Através de empréstimos no exterior, elas visavam possibilitar à atracação em cais e não mais que os navios fossem apenas fundeados em frente ao porto, o que possibilitaria um maior volume de carga e descarga, além de uma maior rapidez.<sup>37</sup>

Aos médicos, dentro da divisão das funções já referida, cabia zelar pela higiene da cidade através da Diretoria de Hygiene e Assistência Pública Municipal, onde fiscalizavam os matadouros, faziam visitas domiciliares e prediais, além de verificar a limpeza da cidade e

<sup>36</sup> Relatório da Comissão de Saneamento, Arquivo da Prefeitura Municipal, ano 1917, (p 6).

<sup>37</sup> MOTOYAMA, Shozo. *Tecnologia e Industrialização no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1994.

realizar um trabalho de assistência à população, sobre o qual o relatório do ano de 1917 refere-se :

*“Continua defeituosa e insuficiente a nossa actual instalação que seria conveniente ser melhorada e modernizada o que já exigem não só o desenvolvimento da cidade, como também o dever de corresponder a confiança e acceitação publicas. (sic)”<sup>38</sup>*

Não só através de grandes obras e por fiscalizações conjunta ao governo, o saber científico estava permeando a sociedade, os seus múltiplos e heterogêneos discursos mesmo conflituosos entre si, dissecavam cada meandro desta. No Almanaque Globo, editado em Porto Alegre no ano de 1918, encontra-se uma descrição estabelecendo o que é chamado de “A Mulher Perfeita”, onde consta o peso, o comprimento, a largura e a proporcionalidade entre os membros de uma “mulher perfeitamente formada”, que inclusive deveria medir entre 1m.57cm e 1m.70cm e “ficando erguida(...) um prumo ou linha vertical traçada desde a ponta do seu nariz ao chão deverá ficar separado uns trez centímetros dos dedos polegares dos pés” além de inumeras outras especificações em medidas definidas.<sup>39</sup> Até mesmo sobre a arte estava focada a luz desmitificadora da ciência, pois se a arte é uma manifestação da sociedade, esta também deveria ser regrada e disciplinada para trabalhar como um “agente da civilização”, pelo menos em artigo também publicado no Almanaque Globo de 1918, onde o autor que assina Ramalho Ortigão, escreve:

<sup>38</sup> Relatório da Delegacia de Higiene e Assistencia Publica, ano 1917( p 2).

<sup>39</sup> Almanaque O Globo, ano 1918. Porto Alegre, Globo, 1917( p 124)

*“ A arte moderna não pode já hoje basear-se em risonhas conjecturas abstratas, tem de assentar, para que nos interesse e para que tenha a importância de um agente da civilização, em factos de carater científico, isto é, em factos que sejam a função de leis sociológicas. Queremos factos, não queremos exclamações. (sic) ”<sup>40</sup>*

Mulheres perfeitas e uma arte feita de fatos: a ciência impusera os ditames de uma sociedade moderna, com pessoas ideais e manifestações civilizadoras. A vida podia ser definida por verdades rígidas e totalizantes . O saber empírico era desmerecido com intensa propaganda de remédios, tratamentos e dos próprios médicos, desde o enaltecimento de institutos Osvaldo Cruz ou Pasteur, até a medicina homeopática, cada um com os seus métodos, mas sempre possuindo o poder de curar cientificamente e extirpar os hábitos ignorantes. O discurso médico estava longe de ser coeso entre si, mas concordavam que a ciência possuía todas as respostas, fossem quais fossem. Pode-se perceber isto nesta passagem da Revista Propagadora da Medicina Natural:

*“ A estes que se compoe a maioria, é que nos chamamos de ignorantes porque não tem a perfeita noção das couzas. Não se conhecem a si mesmo, não conhecem ao seu semelhante,*

<sup>40</sup> Idem ( p 160).

*não conhecem perfeitamente objeto algum de tudo que os cerca. (sic)”<sup>41</sup>*

Outro ponto importante a ser ressaltado, é a mistura de teorias eugênicas, onde o aprimoramento do meio é o caminho para a melhoria da raça, com pinceladas darwinistas, através de apelos à seleção natural, permeando estes discursos:<sup>42</sup>

*“ ... como o agrupamento de populações por si só, já é o suficiente para as levar a um certo grau de degenerescencia, em virtude da lei de transformação de materias que se opera, está evidente que a maioria está sempre pelos fracos, pelos curtos de vida, pelos pobres. Só pode haver um produto mais elevado quando a seleção natural reuniu dois entes de composição robusta...(sic)”<sup>43</sup>*

Mas discursos são construções plurais. As discordâncias dentro da corporação médica são múltiplas e se por um lado o padrão Oswaldo Cruz é enaltecido, como pela Revista Médico Cirúrgica do Brasil, pelos relatórios da Delegacia de Higiene da Cidade do Rio Grande e até mesmo em propagandas da Faculdade de Medicina de Porto Alegre,

<sup>41</sup> Revista Propagadora da Medicina Natural, n 25, ano 1911. ( p 4). Esta revista como todo os volumes pesquisados da Revista Médico-Cirúrgica do Brasil, pertenciam ao Dr. Augusto Duprat e atualmente encontram-se na Biblioteca Riograndense.

<sup>42</sup> A eugenia é usualmente influenciada pela genética lamarckiana. No Brasil a eugenia foi a teoria que respondeu aos anseios das elites empenhadas na higienização civilizadora. Segundo Nancy Stepan: “ Se recebeu a eugenia como uma “nova”ciência capaz de produzir uma “nova ordem social”através do aprimoramento médico da raça humana. In: *Quiipu*, vol. 2, n. 3( p 357).

<sup>43</sup> Revista Propagadora da Medicina Natural, op. cit (p 4).

também pode-se encontrar críticas ao seu trabalho, como no caso da campanha contra a febre amarela no Pará, em texto assinado pelo Dr. Saturnino Fernandez y Alonso:

*“Permita-me dizer que para chegar a esta conclusão (a teoria do Dr. Oswaldo Cruz limita-se a matar todos quantos mosquitos aqui existirem infectados com o virus amarilicoe não permitir que outros mosquitos se infeccionem) o patriotico e benemerito etc. Dr. Oswaldo Cruz obrigou a v, exc o sr. governador a fazer um adeseza de trez mil contos de réis pelo primeiro calculo dentro de um ano, e que se o quizer levar a cabo talvez ainda exceda muito disso;e eu como simples charlatão e pelo fato de que só trabalho em prol da humanidade vou indicar-lhe com quatro palavras outroprocesso que sem gastar um unico real, e sem cauzar incomodo algum as familias que aqui habitam chegará em traz mezes aonde o Dr. Oswaldo diz chegar em um ano.(...) não permitir que salte para a terra pessoa algumaque possa ser susceptivel de contrair a febre amarela, feito isto durante trez mezes, teremos a certeza que não há mais mosquito algum infeccionado(...) , o unico meio de diminuir os males de toda especie que afligem a humanidade está na hijiene publica e privada. Faça-se hijiene.(sic)”<sup>44</sup>*

<sup>44</sup> Idem ( p 10 ).



As rivalidades internas entre os próprios médicos e o papel secundário destes no Rio Grande do Sul frente aos engenheiros, parecem constituir alguns caminhos, que impossibilitavam à este saber, obter uma hegemonia. Mesmo com todas as campanhas higienizantes sobre a população pobre e com a medicalização interna da família burguesa, onde o médico vinha substituindo o padre como conselheiro e conhecedor da intimidade desta, este não conseguiu ganhar uma total confiança por parte da população. Senão porque em meio a artigos sobre higiene e civilização do Almanaque Globo de 1918, haveria um soneto de um poeta medieval português, que escreve:

*“O médico é sempre um cego,  
Que tem na sua mão um cajado;  
Para exercer seu emprego  
É pelo enfermo chamado.  
Luctando o vê com a molestia,  
Quer á contenda pôr termo,  
Ergue o pau, dá sem detença;  
Mata, si acerta no enfermo,  
Cura, si esmaga a doença (sic).”<sup>45</sup>*

Quanto ao médico na família burguesa, este vinha historicamente, no Brasil, ocupando um lugar que durante muitos séculos pertencera aos padres. Agora os segredos mais íntimos eram confiados a alguém que forneceria explicações científicas sobre o que

<sup>45</sup> Almanaque Globo, op. cit. ( p 272).

causava a “histeria” nas mulheres, os hábitos “depravados” nos homens, etc<sup>46</sup>. Os novos saberes sobre a saúde e o corpo invadiram o espaço privado, com a intenção de “melhorar a família para melhorar a sociedade”, a partir do momento em que confia neste saber, o que possibilita uma transformação dos valores familiares, onde o saber empírico transferido de mãe para filha perde espaço para a cientificidade médica:

*“(...) outros motivos explicam a insistência da medicina higiênica em denominar e classificar fenômenos físicos e sentimentais. A necessidade de apresentar o banal sob o signo do insólito era uma condição necessária à implantação da hegemonia médica. A medicina social criava o fato médico inédito e apresentava-o à família que atônita, descobria no saber higiênico a prova da sua incompetência”<sup>47</sup>*

Havia a nível de Brasil uma reorganização não só de costumes, mas dos próprios sentimentos confiança que abandonavam os conhecimentos empíricos, para legitimar o conhecimento científico. Criavam-se novos desejos e poderes, e no espaço público, como já foi referido, existiam novas exigências de controle trazidas pela industrialização. A medicina

<sup>46</sup> Tanto em COSTA, Jurandir Freire em *Ordem Médica e Norma Familiar*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989; como em EHRENREICH, Barbara & ENGLISH, Deindre em *Brujas, Comadronas y Enfermeras: História de las Sanadoras*. Barcelona: Lasal, 1984; vê-se esta questão sendo trabalhada. Lembrando FOUCAULT, Michel. “*O Nascimento da Clínica*”. *op. cit.*: “... nos padres e nos médicos, os herdeiros naturais das duas mais visíveis missões da igreja: a consolação das almas e o alívio dos sofrimentos”. (p 35)

<sup>47</sup> COSTA, Juremir Freire -*Ordem Médica e Norma Familiar*- *op.cit.*( p 71)

daria respostas satisfatórias com novos mecanismos reguladores, que por outro lado possibilitariam um engendrar de novas capacidades e formas de resistências.

No Rio Grande, também a higienização, industrialização e urbanização ascenavam com uma modernidade ufanista:

*“As grandes obras que empreendemos, o estabelecimento de frigoríficos e de muitas fabricas que aqui se localizarão, são garantias seguras desse desenvolvimento, cuja aurora divisamos e que terá o seu esplendor depois de terminada a grande guerra e com o decorrer do tempo. Bem vinda pois, seja essa phase que as gerações futuras uzufruirão, louvado, então os trabalhos da nossa epocha (sic) .”<sup>48</sup>*

A Primeira Guerra Mundial estava sendo a grande oportunidade de industrialização do país. Com as potências envolvidas no conflito e impedidas de continuarem exportando os seus produtos, e necessitando serem abastecidas de produtos alimentícios, abriram grandes possibilidades de mercado. Além da onda de industrialização que possibilitou no centro do país (leia-se São Paulo, onde havia uma capitalização graças ao café), também o Rio Grande do Sul iria conhecer uma certa industrialização.

Os grandes frigoríficos internacionais, até então instalados nos países platinos, foram para o sul do Brasil pela necessidade crescente de uma maior quantidade de matéria prima, mesmo de pior qualidade, para abastecer a Europa, e a única maneira de enviar estes produtos para o velho continente era o porto do Rio Grande, local onde desde o início do

<sup>48</sup> Relatório Comissão de Saneamento, ano 1917, op.cit. (p 7).

século também indústrias têxteis estavam instalando-se . A cidade assumia então uma posição privilegiada frente a este desenvolvimento industrial, transformando-se em um dos focos principais das políticas saneadoras do governo do estado, complementadas com as obras de expansão e melhorias no caes já referidas.

Posto isto, pode-se compreender melhor o otimismo que permeia o Relatório da Comissão de Saneamento no ano de 1917. A guerra aproximava-se do seu fim. Com o término desta e das reformas urbanas, que já desenrolavam-se a anos, um desenvolvimento “positivo” baseando-se no conhecido método: ordem para o início, trabalho como meio e progresso ao fim; estaria sendo realizado. Para o governo do estado, nas mãos do positivista Partido Republicano Riograndense, era o momento de colher os frutos e de ver diminuída a oposição ao governador Borges de Medeiros. A imagem de “celeiro do Brasil” estava consolidada para o Rio Grande do Sul e os interesses das várias elites estaduais satisfeitas<sup>49</sup>.

Mas as contradições estavam implícitas. Com o restabelecimento econômico das potências européias esta frágil industrialização foi desmantelada, ocasionando uma crise. Além disto os operários vinham há muito reivindicando os seus direitos, o que desencadeou ondas grevistas na cidade do Rio Grande nos anos de 1917, 1918 e 1919; através da organização de sindicatos e principalmente da União Operária<sup>50</sup>. A calma encobria a tempestade que estava por vir.

<sup>49</sup> Sobre a situação econômica do Rio Grande do Sul ver : PESAVENTO, Sandra J. *A Burguesia Gaúcha: Dominação do Capital e Disciplina do Trabalho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. Idem. *A História do Rio Grande do Sul*. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. Idem. *República Velha Gaúcha: Charqueadas, Frigoríficos, Criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEC, 1980. PINTO, Celi Regina J. *Positivismo: um projeto político alternativo*. Porto Alegre: LePM, 1986.

<sup>50</sup> A historiografia atual recente-se de maiores trabalhos sobre a União Operária da cidade do Rio Grande.

A industrialização tão proclamada pelas autoridades e tão desejada pelas camadas médias e altas da sociedade trazia com ela a promessa de emprego para as camadas mais pobres. Vê-se, então, que com a instalação das indústrias na cidade ocorreu uma demanda muito grande de pessoas em busca de oportunidades de trabalho. Isto possibilitou um crescimento populacional desorganizado. A cidade mais inchava do que crescia e, em 1918, eram 40.000 almas, o que fazia dela a terceira cidade do estado em número de habitantes. Mesmo assim no relatório da Delegacia de Higiene e Assistência Pública do ano de 1917 um parecer louvava o ótimo estado sanitário desta cidade<sup>51</sup>.

Por outro lado, junto com a expansão do mercado externo desenvolvia-se uma onda inflacionária dos preços dos produtos alimentícios no mercado interno<sup>52</sup>, tornando ainda mais difícil a vida, principalmente do operariado e de toda a mão de obra que não fora absorvida pelas indústrias e revesavam-se na luta pela sobrevivência entre o desemprego, o sub-emprego e os trabalhos por jornada.

Pode-se ver deste modo, várias cidades coexistindo em Rio Grande. Uma cidade operária, onde a indústria sobrepujava a tradição pesqueira, tanto geográfica, como trazida pelos imigrantes açorianos. A população crescente que tentava sobreviver em cortiços, sendo constantemente fiscalizada pelas autoridades<sup>53</sup>. Onde sindicatos organizavam-se na luta por direitos para os trabalhadores, entre constantes conflitos e greves. Uma cidade burguesa, onde grandes companhias de teatro e ballé, rumo a Buenos Aires ou Porto Alegre,

<sup>51</sup> Relatório da Delegacia de Higiene e Assistencia Publica , ano 1917, Op. cit.

<sup>52</sup> PESAVENTO, Sandra J. *História do Rio Grande...*op.cit.

<sup>53</sup> Sobre os cortiços em Rio Grande o jornal "Echo do Sul", número 252, de 6 novembro 1918, escreve: "Pela Cidade Nova (bairro de Rio Grande) há muitas habitações, sobretudo os taes (sic) cortiços pestilenciaes, em completo desasseio, provandon que o descaso continua."

faziam escala com apresentações nos vários teatros da cidade, repleta de cinemas e praças<sup>54</sup>. Cidade portuária, com comércio forte, navios de diversas bandeiras tremulando ao longo do porto, infinitos estranhos desembarcando diariamente.<sup>55</sup> A modernidade havia chegado.

Como uma torre de cristal construída sobre a lama, a modernidade erguia-se na cidade do Rio Grande. O final da guerra seria acompanhado de uma epidemia, que como o vento sul ergue-se em frente a tempestade que vem a rebojo, surpreendendo os desavisados e tombando tudo em seu caminho. A frágil modernidade demonstraria o seu avesso e isto era apenas um prelúdio do que ainda estava encoberto no tempo insólito do futuro. Como diria Italo Calvino:

*“ As cidades, como os sonhos, são contruídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa ”*<sup>56</sup>

Neste engendrar de medos e desejos, discursos e perspectivas ou a falta destas, a epidemia tornará ainda mais árdua a luta pela sobrevivência, agora desenrolando-se em um campo de referenciais fugidios e com a sombra constante da morte.

<sup>54</sup> Nos jornais eram publicadas diariamente as programações dos cinemas, além do constante anúncio do dia da chegada dos vapores que traziam as comitivas dos espetáculos teatrais. “Echo do Sul”, n. 134, 14 de junho 1918; n 175, 4 de julho 1918, etc.

<sup>55</sup> Cidades na memória das entrevistadas D. Liuba Duprat, D. Olga Rosa Caripuna, D. Elcy Medina Bomfiglio Olinto.

<sup>56</sup> Calvino, Italo- *As Cidades Invisíveis*- op. cit. (p 44).

*“ Um silêncio prudente e cauto é o relicário da sabedoria. (...) Se os dardos transpassam o corpo, as palavras podem transpassar a alma.”*

Umberto Eco, *A Ilha do Dia Anterior*.

*“ De madrugada, brisas leves percorrem a cidade ainda deserta. A essa hora que fica entre as mortes da noite e as agonias do dia, parece que a peste suspende por um instante o seu esforço e toma folego.”*

Albert Camus, *A Peste*.

## CAP. 2 - OLHAR SOBRE A EPIDEMIA

### Entre Falas e Silêncios

*“ Interrupção das atividades familiares, silêncio da cidade, abolição dos ritos coletivos de alegria e tristeza: todas estas rupturas brutais com os usos cotidianos eram acompanhadas de uma impossibilidade radical de conceber projetos de futuro(...). Desestruturando o ambiente cotidiano e barrando os caminhos do futuro , abalando assim duplamente as bases do psiquismo tanto o individual como o coletivo.”<sup>57</sup>*

A morte é uma palavra que dificilmente será vista sem as lentes do medo, pois o ocidente raramente a encara e quando é obrigado a fazê-lo mergulha em pavor, que permeia o seu olhar e as suas atitudes frente a impossibilidade de fuga<sup>58</sup>. Uma epidemia acaba por

<sup>57</sup> DELUMEAU, Jean - *História do Medo no Ocidente*- São Paulo: Cia das Letras, 1987.

<sup>58</sup>Para falar de morte é preciso lembrar os trabalhos de ARIÈS, Philippe -*Sobre a História da Morte no Ocidente*- Lisboa: Teorema, 1988; e VOVELLE, Michel - *Ideologia e Mentalidades*- São Paulo: Brasiliense,1987. Vovelle estuda uma documentação homogênea e divide a sua análise em três níveis:



destruir todos os meios que a sociedade possui para disfarçar a morte, eufemicamente ritos e crenças tentam transformar um ponto final em vírgula. Dar a ela uma característica de passagem, mas neste momento nada disto é possível, os cadáveres são muitos e o tempo é escasso para rituais. A carroça recolhendo os mortos por entre a cidade, impede o desvio do olhar que tentava não ver que ela está e sempre esteve presente. A imagem da cidade reconstruída pela memória de Dona Olga Rosa Caripuna, nascida no dia 23 de agosto de 1903, é permeada por esta morte desritualizada:

*“Era a Santa Casa que não atendia quase ninguém . As pessoas morriam não tinha quase pessoas para enterrar. Ficavam os caixões na frente do cemitério, esperando que um melhorasse pra vim enterra. E as senhoras, aquelas mais pobres, que perdiam as crianças, enrolavam nuns panos e botavam em cima. Pra quando fizerem os enterros, enterrarem também.(sic)”*

A cidade do Rio Grande, pela sua localização portuária, com conseqüente risco da entrada de doenças e epidemias<sup>59</sup>, além da necessidade de passar uma imagem higiênica

morte consumada, onde esta é analisada demograficamente; morte vivida, onde caberia trabalhar com as práticas e, por fim, o discurso sobre a morte, onde os discursos organizados seriam analisados. Já Ariès desenvolve uma abordagem mais intuitiva através de uma documentação heterogênea na busca de uma “sensibilidade coletiva diante da morte. O presente trabalho talvez tenha um pouco dos dois, mas sem fechar-se em nenhum.

<sup>59</sup> Sobre epidemias anteriores pode-se citar a gripe asiática de 1889 e a peste bubônica nos primeiros anos do século XX.

perante os seus parceiros comerciais, recebeu uma atenção especial, no que se refere aos projetos de urbanização e higienização, como foi visto no primeiro capítulo.

Dentro do seu corpo médico encontravam-se alguns expoentes estaduais e até nacionais, é o que pode-se dizer sobre o médico Augusto Duprat, que destacara-se no tratamento da peste bubônica, durante a epidemia que assolara Rio Grande no início do século<sup>60</sup>. Tendo estudado medicina em Paris, era no ano de 1918 o encarregado da Saúde dos Portos no estado, possuía prestígio no meio médico e político.

Percebe-se aqui novamente, a diferenciação entre os médicos, encarregados de manter a higiene - como Augusto Duprat - e os engenheiros que executavam os projetos higienizantes. Afinal não se pode esquecer que, neste momento, estão em andamento as obras de saneamento de Rio Grande.<sup>61</sup>

Mas, durante a gripe espanhola seria cobrado do saber médico a responsabilidade sobre a situação, afinal este vinha tentando legitimar-se frente a sociedade. Agora seria cobrado o seu saber sanador, com as devidas explicações e a esperada resposta: a cura.

O furor da gripe espanhola chegaria na cidade já em meados de outubro do ano de 1918, quando levantou-se a suspeita que os tripulantes do paquete Itajubá, ali recém fundeado, estavam atacados de influenza. Epidemia que já graçara livre pela Europa. Havia atingido os navios da missão médica enviada pelo Brasil a Dakar. No Rio de Janeiro os

<sup>60</sup> Ver DUPRAT, Augusto et alii. *A Propósito da Pesta Bubônica no Rio Grande*. Rio Grande: s. ed., 1909.

<sup>61</sup> Até os dias atuais o ano de 1918 esta gravado nas tampas de ferro do esgoto da cidade. Persistente contradição: ano do saneamento, ano da gripe espanhola.

primeiros casos haviam surgido na segunda quinzena de setembro e em outubro havia adquirido enormes proporções<sup>62</sup>.

Estas notícias eram amplamente divulgadas pelos jornais da cidade e no dia seguinte à chegada do Itajubá, alguns deles reclamavam do tratamento dado a este paquete e da falta de informações sobre a doença dos tripulantes e passageiros:

*“O sr. Inspetor de Saúde dos Portos permitiu que os passageiros desembarcassem, por julgar os casos de gripe benignos(...) não se desinfectando aquele vapor, deixando os passageiros virem a terra e não recolhendo os enfermos ao lazareto(...) se surgirem casos da doença na cidade o inspetor de saúde será o responsável.(...) Que diabo de enfermidade então é essa, que se propaga?”  
(sic)<sup>63</sup>*

As críticas a Augusto Duprat iriam tornar-se cada vez mais duras durante o período da epidemia, principalmente porque a partir deste momento, vários outros navios, trazendo pessoas contaminadas com a influenza, chegaram ao Rio Grande: o Itaquéra, o Goyas, o Bragança, o Rui Barbosa, etc; nomes de navios que os jornais não paravam de

<sup>62</sup> Como ocorreu na cidade do Rio de Janeiro além das mortes que foram registradas diretamente pela gripe, existiram muitos casos que não tiveram registro ou não foi identificada a causa mortis ou, ainda, os que foram registrados como por problemas intestinais ou respiratórios. Todas estas outras “categorias” tiveram um grande aumento no número de óbitos durante a epidemia. Situação também verificada nos registros da cidade do Rio Grande através dos levantamentos da Delegacia de Higiene e Assistência Pública, o que demonstra que o número de vítimas foi bem maior que o registrado.

<sup>63</sup> Jornal “Echo do Sul”, n 233 e 234, dias 10 e 11 de outubro, ano 1918.

repetir como trazendo doentes para a cidade. Remetendo-se novamente as memórias de D.

Olga:

*“ A gripe devia ter começado...diziam que era os navios que traziam. Que vinha muita gente estrangeira(...). Diziam então que podia ter sido cólera, mas quando começo a aparece era gripe, que todo mundo via que tava sendo uma coisa forte, ai então eles faziam quarentena, quando chegavam ficavam quarenta dias fora do porto. Mas foi uma coisa terrível, todo mundo sentiu ao mesmo tempo. Tudo sentia a mesma coisa.( sic) ”<sup>64</sup>*

No dia 14, o Jornal “Echo do Sul” repete, de maneira irônica, a frase do inspetor de saúde dos portos: “a influenza era de caráter benigno”. Fazia isto logo após o anúncio da primeira morte oficial causada pela doença. Era a de um foguista do paquete Itajubá.

Outro ponto a ser reparado nesta primeira morte é que, a epidemia e a sua vítima em questão, eram vindos de fora, eram estranhos a cidade e não criados por esta. Afinal os males são estrangeiros que entram na cidade para abalar o cotidiano desta.<sup>65</sup>

Vendo-se o discurso como o lugar onde poder e saber se articulam de maneira fragmentada e descontínua, cuja função tática não é uniforme nem estável, referência-se Michel Foucault:

*“Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder,*

<sup>64</sup> Entrevista com dona Olga Rosa Caripuna, realizada na cidade do Rio Grande no ano de 1994.

<sup>65</sup> Importante lembrar Jean Delumeau, op. cit., onde ao falar da peste medieval, coloca que a culpa por esta era sempre imposta a elementos exteriores, marginalizados ou considerados “diferentes” a uma sociedade como por exemplo: os judeus.

*nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias. (...) Não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contratitórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas.*"<sup>66</sup>

Em meio destes discursos e silêncios, formulados em uma cidade encoberta por uma epidemia, está o medo, como uma sombra sempre ao seu encaço, como que esperando o momento certo para transbordar pelas entrelinhas de notícias, comunicados, relatórios, registros e números. As estratégias não podem ser compreendidas neste momento sem esta questão em mente. A doença apresentava-se como uma ilustre desconhecida. O discurso

<sup>66</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. vol I: a vontade de saber. Rio de Janeiro, 1985. ( p 96 e 97)

racionalmente seguro e moderno da ciência, teria de mostrar sua fragilidade, composta de incertezas.

Enquanto o jornal “Echo do Sul” abria com a manchete no dia 10 de outubro: “Grave! Influenza Hespanhola?”; o seu principal concorrente, o jornal “O Tempo”, chamava-a de “Moléstia Suspeita”. Por entre as notícias no primeiro lia-se: os passageiros dos navios infectados não haviam sido aceitos em nenhum hotel ou pensão e estavam dormindo ao relento e zanzeando pelas ruas da cidade durante o dia; a inspetoria de saúde nada vinha fazendo para evitar que a disseminação da influenza; já o segundo, dava conselhos higiênicos, profiláticos e garantia não haver motivo para tamanho alarde<sup>67</sup>.

Desenhava-se, pelo menos para a população letrada da cidade, um quadro no mínimo preocupante. A partir de tantas contradições, as certezas, mesmo as científicas, desmoronavam. Por um lado, um jornal, escrevia manchetes e notícias que apenas contribuíam para aumentar o medo e a insegurança da população. O outro, tentava dar algum esclarecimento, acabando por confundir ainda mais, já que os conselhos e as opiniões médicas publicadas eram desconstruídas, não fornecendo nenhuma resposta norteadora.

Mesmo antes da chegada da epidemia na cidade, os jornais já vinham publicando os pareceres dos médicos do centro do país, onde o negar da gravidade do mal é a contante:

*“Mas o nome Influenza ou gripe já nos é familiar demais e por isso a atual epidemia hespanhola não nos traz grandes medos”<sup>68</sup>*

<sup>67</sup> “Echo do Sul”, número 233, 10 de outubro 1918. “O Tempo”, número 256, 10 de outubro 1918.

<sup>68</sup> Opinião médica publicada no jornal “Echo do Sul”, dia 2 de outubro, n 226, mas também encontrada na revista Médico Cirúrgica do Brasil no mês de setembro.

Após a epidemia ter entrado na cidade, continuam as tentativas de não assumir a sua gravidade, tanto pelos médicos como pela Intendência Municipal:

*“ É de character benigno que ela ( a influenza) está atacando as nossas populações, aproxima-se muito da nossa gripe ”<sup>69</sup>*

O comentário, acima referido, foi publicado no dia 29 de outubro pelo jornal governista da cidade: o Rio Grande, que era o porta voz do Partido Republicano Rio Grandense e tentava amenizar a situação. Só que neste mesmo dia foram registrados oficialmente 11 mortes na cidade causadas pela gripe. Já haviam falecido 66 pessoas deste o dia 14 de outubro, quando fora registrada a primeira morte, e nos três dias que faltavam para acabar o mês, iriam ocorrer mais 31 mortes por gripe na cidade. Enquanto isto, no Rio de Janeiro, eram registradas 8444 mortes de influenza, somente no mês de outubro.<sup>70</sup>

Os médicos não conseguiam chegar a um acordo sobre que doença era esta afinal de contas:

*“A epidemia atual é a Dengue (...) Estou certo que passado este primeiro período de pouca resistência, os casos diminuirão de*

<sup>69</sup> Jornal “Rio Grande”, dia 29 de outubro de 1918, n 236.

<sup>70</sup> Os números utilizados foram pesquisados no registro de sepultamento do cemitério católico de Rio Grande, mesmo tendo em vista que é impossível saber exatamente o número de mortes causadas pela epidemia, pois só eram registradas como influenza as mortes em que o médico houvesse diagnosticado a doença anteriormente, quem já era encontrado morto era registrado como causa mortis não identificada, além de que muitos eram registrados pelas complicações ocasionadas pela gripe. Quanto ao Rio de Janeiro os dados são dos relatórios publicados na Revista Médico Cirurgica do Brasil.

*gravidade. Esta moléstia não é a Influenza de Dakar e sim a Dengue (sic)*<sup>71</sup>

Mas o mês de novembro chegou e a resistência à doença não. Na primeira quinzena deste mês, foram registrados 271 óbitos pela influenza. Na segunda quinzena a epidemia iria declinar, registrando-se 28 mortes. As últimas mortes seriam nos primeiros dias de dezembro. No total entre outubro e dezembro de 1918, morreram no Rio Grande, segundo o registro do cemitério católico 397 pessoas pela epidemia, segundo a Delegacia de Higiene 424 oficialmente, mas estimando que pelo menos a metade das causas mortis não identificadas eram de influenza, o que somaria mais umas 120 pessoas, além das que morreram pelas complicações ocasionadas pela doença, torna-se difícil estipular quantas vidas foram solapadas pela a influenza na cidade do Rio Grande. Para uma visualização mais clara pode-se comparar os números oficiais do cartório e do cemitério católico:

Nos gráficos a seguir demonstram números de mortes registradas em duas diferentes fontes:

<sup>71</sup> Parecer médico publicado no “Echo do Sul”, dia 15 de outubro, n 236.



Tabela 3

Óbitos Diários por Influenza Espanhola ( de out. a dez. de 1918 )

no Cartório da 2a Vara do Rio Grande

DATA	ÓBITOS	DATA	ÓBITOS	DATA	ÓBITOS
14/10.....	1	01/11.....	21	16/11.....	7
15/10.....	1	03/11.....	18	17/11.....	3
16/10.....	1	04/11.....	38	18/11.....	4
18/10.....	1	05/11.....	12	19/11.....	2
20/10.....	2	06/11.....	21	20/11.....	2
21/10.....	1	07/11.....	25	21/11.....	1
22/10.....	4	08/11.....	18	22/11.....	5
23/10.....	3	09/11.....	17	23/11.....	2
24/10.....	4	10/11.....	14	25/11.....	1
25/10.....	7	11/11.....	11	26/11.....	1
26/10.....	7	12/11.....	15	30/11.....	1
27/10.....	15	13/11.....	5	01/12.....	1
28/10.....	13	14/11.....	8	03/12.....	1
29/10.....	11	15/11.....	2		
30/10.....	11				
31/10.....	15				

<sup>72</sup> Registro do Cartório da Segunda Zona da Comarca do Rio Grande.

Tabela 4

Óbitos Diários por Influenza Espanhola ( de out. a dez. 1918)

Registrados no Livro de Sepultamento do Cemitério Católico

DATA	ÓBITOS	DATA	ÓBITOS	DATA	ÓBITOS
14/10.....	1	01/11.....	30	16/11.....	4
15/10.....	1	02/11.....	22	17/11.....	4
18/10.....	1	03/11.....	29	18/11.....	5
20/10.....	1	04/11.....	29	19/11.....	1
21/10.....	3	05/11.....	24	20/11.....	4
22/10.....	3	06/11.....	19	21/11.....	1
23/10.....	2	07/11.....	25	22/11.....	4
24/10.....	3	08/11.....	23	21/11.....	1
25/10.....	8	09/11.....	14	22/11.....	4
26/10.....	6	10/11.....	17	23/11.....	1
27/10.....	13	11/11.....	14	24/11.....	1
28/10.....	13	12/11.....	13	25/11.....	1
29/10.....	11	13/11.....	6	26/11.....	1
30/10.....	14	14/11.....	4	30/11.....	1
31/10.....	17	15/11.....	2	01/12.....	1

73

No que refere-se aos números de “causas mortis” não identificadas, pode-se conferir o aumento dos casos durante o período da epidemia, o que encobria várias mortes causadas pela gripe, como vê-se a seguir:

<sup>13</sup> Livro de Sepultamento do Cemitério Católico, Santa Casa de Misericórdia.

Tabela 5

Óbitos Mensais com Causa Mortis Não Identificada ( de set. a dez. de 1918 )

Segundo o registro de Sepultamentos do Cemitério Católico

Mês	Total
Setembro.....	7
Outubro.....	28
Novembro.....	106
Dezembro.....	29

74

Enterrado em cada número destes, estavam pessoas, com seus desejos, sonhos, etc; deixando para os que ainda estavam vivos, apenas a visão da face dura da morte, quando esta vem sem acompanhamentos rituais e individualizantes. Levando vidas em levadas, a insegurança e o medo eram para todos, pelo menos neste momento, a morte tornava todos iguais.

Pode-se assim pensar, que esta primeira reação entre médicos e autoridades em negar a epidemia ou a sua gravidade, era uma tentativa de impedir o pânico entre a população. Além disto, Rio Grande é uma cidade portuária, o que significa que, ao admitir estar afetada por uma epidemia, iria fatalmente ocasionar uma grande queda nas suas transações comerciais. Mas também pode-se olhar as reações por motivações menos conscientes. Nomear a doença envolve uma classificação, promove um diagnóstico e indica

<sup>74</sup> Registro de Sepultamento do cemitério Católico, Santa Casa de Misericórdia

a terapia.<sup>75</sup> Mas se não houver terapia? Se não for possível a ciência médica indicar a solução do problema? Então nomear a doença “gera apreensão”, pois não se conhecia tratamento eficaz, como ainda não se conhece, para a doença em questão . Além disto, no caso de uma epidemia, é o medo que leva a retardar nomeá-la, pois ao negá-la os médicos e as autoridades estão não só tranquilizando a população, estão tranquilizando a si mesmos.<sup>76</sup> O ocidente tentava outra vez ignorar a morte e o desconhecido que se colocavam a sua frente, como uma criança que fecha os olhos diante das sombras no escuro do seu quarto e ao reabri-los espera que elas tenham ido embora. Mas não foram.

A epidemia estava na cidade, as autoridades são criticadas por não agirem frente a ela, os médicos estavam perdidos por entre infinitas receitas esdrúxulas, com altas doses de quinino (um antitérmico), tomadas até mesmo antes de se adquirir a doença, sendo muitas vezes noticiado nos jornais envenenamento por este.<sup>77</sup> Haviam também, tratamentos a base de lavagens estomacais, diarreias provocadas, banhos quentes e lençóis frios, massagens, desinfecções da boca e do nariz, ingerir bebidas quentes, principalmente o cognac.<sup>78</sup> Além das tentativa de utilização da vacina jenneriana ( utilizada para a imunização contra a variola), etc. <sup>79</sup> Até que , enfim, a ciência rende-se:

---

<sup>75</sup> Conforme reflexões de: PORTER, Roy. Expressando sua Enfermidade: a linguagem da doença na Inglaterra georgiana. In: BURKE, Peter & PORTER, Roy. *Linguagem, Individuo e Sociedade*. São Paulo: UNESP, 1994.

<sup>76</sup> DELUMEAU, Jean. op.cit.

<sup>77</sup> “*Echo do Sul*”, numero 268, de 26 novembro 1918.

<sup>78</sup> GRÖNSTEDT, Dr. Karl. *Tratamento da Grippe Espanhola*. Rio de Janeiro; Besnard Freres, 1919.

<sup>79</sup> “*O Tempo*”, número 254, de 8 outubro 1918.

*“Não se conhece na atualidade, medicação alguma profilática para evitar a apresentação do processo, nem atalhar seu desenvolvimento, como tão pouco soros ou vacinas. O regime alimentício sadio, a ventilação e a extrema limpeza são as bases em que assenta a luta contra esta enfermidade”<sup>80</sup>*

Demonstraram-se frágeis aquelas verdades científicas que pretendiam decifrar e responder a todas as questões do universo que as cerca. Restava aos médicos apenas tentar diminuir o abatimento moral e o medo entre a população, que eram considerados predisposições ao contágio, com apelos publicados nos jornais<sup>81</sup>:

*“O melhor preservativo para o mal é a higiene do corpo e a higiene da alma. Além da resistência física, a resistência moral”<sup>82</sup>*

Resistência física era quase uma ironia, já que a maioria da população era operária ou sub-empregada, sem acesso a meios capazes de prover uma alimentação saudável ou condições higiênicas nas suas famílias, mesmo em períodos normais. Com a epidemia a

<sup>80</sup> “ECHO DO SUL”, n 244, 24 de outubro de 1918.

<sup>81</sup> Vê-se aqui mais um ponto em comum com as reações trabalhadas por DELUMEAU, Jean . op. cit, referindo-se a peste medieval.

<sup>82</sup> “Rio Grande”, n 266, de 29 de outubro de 1918.

miséria e a fome aumentaram para estas pessoas.<sup>83</sup> Estes serão exatamente os que morrerão na epidemia, enquanto que, na sua maioria, as camadas mais privilegiadas economicamente conseguirão ter resistências orgânicas para sobreviverem a doença.<sup>84</sup>

Quanto ao abatimento moral, o que se pode esperar de uma população em meio a uma epidemia, abandonada pelas autoridades, desinformada sobre o mal e sem respostas por parte dos médicos, perpassada pelo medo? Que reações e práticas vão ser contruídas? É o que será visto mais adiante, no terceiro capítulo e não agora. Neste momento é necessário olhar as condições que se colocaram para o cotidiano da cidade e como estas fomentavam ainda mais o medo coletivo.

As atividades foram interrompidas, o cotidiano desestruturado. O contato interpessoal revelara-se um perigo, o interior da casa era o único lugar relativamente seguro. O contágio era uma sombra que não mais podia ser ignorada. As escolas fecharam, no que foram seguidas pelos cinemas, restaurantes, etc. No comércio as lojas, que tentaram manter as suas portas abertas, logo foram fechando por falta de pessoal. Os jornais pararam de circular, as indústrias reduziram ou paralizaram suas atividades.<sup>85</sup>

No dia dos Finados de 1918 ninguém arriscou-se a ir ao cemitério. O início do mês de novembro foi o ápice da epidemia na cidade e ela havia impedido até mesmo os ritos pelos mortos do passado. Este rompimento é algo constantemente invocado nas memórias

<sup>83</sup> “Echo do Sul”, n 259, de 14 novembro 1918. “O número de mortos vai decrescendo, mas perduram a miséria e a fome que a epidemia aumentou.”

<sup>84</sup> Isto é facilmente comprovado no registro de sepultamento, onde era registrada a profissão do morto. A grande maioria são operários, em segundo lugar comerciários e pessoas empregadas por jornada, em terceiro foguistas de embarcações. Entre as mulheres raramente é anotada a ocupação, quando isto ocorre são cozinheiras ou na infinita classe de “domésticas” Livro de Sepultamento do Cemitério Católico, Santa Casa de Misericórdia

<sup>85</sup> “Echo do Sul”, números 244, 245, 246; de 24, 25, 26 outubro de 1918. O jornal “O Tempo” teve suas atividades paralizadas de 24 de outubro à 11 de novembro.

de quem vivenciou a epidemia. Tão presente estava a morte desritualizada e tanto ela impossibilitava a manutenção de qualquer referencial estruturado desta sociedade e destas pessoas, entre elas D. Olga:

*“ Era assim os vizinhos todos não se via nada, tudo fechado. Uma Tristeza. Não se podia...foi justamente perto de finados, não se podia i no cemitério. Não se ia na igreja, não se podia, os padres tudo doente. O comércio fechado, NÃO tinha empregados, como que abriam as casas? Não dá.( sic) ”<sup>86</sup>*

As farmácias continuavam abertas, vendendo todo o tipo de remédio. Era necessário apenas um boato de que determinada substância era eficaz contra a influenza, para o seu preço ter uma elevação absurda, como o que ocorreu com o quinino<sup>87</sup>.

Alguns mercados também mantinham algum funcionamento. A venda de produtos alimentícios considerados importantes para o tratamento da gripe, também revelara-se muito lucrativa. O limão foi o mais valorizado, ele estava presente em quase todas as receitas contra a gripe. Seu preço atingiu 1000 réis a unidade ( um jornal diário custava entre 100 e 200 réis), a galinha e o leite chegaram ao preço de 1500 a unidade ou o litro

<sup>86</sup> Entrevista com dona Olga Rosa Caripuna, op. cit.

<sup>87</sup> O quinino, principalmente pelas suas qualidades antitérmicas, acabou por tornar-se a principal substância nas tentativas de tratamento da gripe.

respectivamente. A Intendência Municipal divulgava listas com os preços máximos para os produtos, mas estas não eram respeitadas.<sup>88</sup>

Quando os jornais circulavam, neles podia-se encontrar propagandas de remédios, até então utilizados para outros males. Como as pilulas Anjo que antes da epidemia, baseava sua propaganda nas suas qualidades contra a prisão de ventre<sup>89</sup>, ou a emulsão Scott que apresentava-se como “fortificante” para crianças<sup>90</sup>, que agora utilizavam-se da gripe espanhola nos seus reclames nos jornais:

*“Pilulas Anjo: Um preservativo seguro contra a peste gripal.*

*Emulsão Scott: Um bom fortificante na convalescença da gripe hespanhola (sic)”<sup>91</sup>*

Os preços inflacionados dificultavam ainda mais qualquer tentativa das camadas pobres da população de evitar ou lutar contra a epidemia. A Santa Casa de Misericórdia, o lugar onde estes poderiam procurar auxílio e atendimento, teve rapidamente a sua capacidade esgotada, assim como acontecera com o Lazareto, o Hospital Flutuante do Lloyd Brasileiro, a enfermaria militar e o Hospital Beneficência Portuguesa. Segundo a Santa Casa a sua situação naquele ano foi a seguinte:

<sup>88</sup> Jornais “*Echo do Sul*” números 245 e 247; de 25 e 27 outubro 1918.

<sup>89</sup> “*Echo do Sul*”, número 134, de 14 junho de 1918.

<sup>90</sup> “*Echo do Sul*”, número 138, de 19 de junho de 1918.

<sup>91</sup> Propagandas publicadas no “*Echo do Sul*”, n 259, de 14 de novembro, periodo em que a epidemia inicia a declinar e os jornais voltam a circular.



*“O ano da gripe espanhola fez crescer em 42% o numero de pacientes internados. As enfermarias comportavam 130 enfermos, mas chegavam até 200, com evidente sacrificio da higiene, sendo obrigados a recusar um certo numero de doentes menos graves, por absoluta falta de lugar”*<sup>92</sup>

Contribuindo ainda mais para o agravamento da situação, há todo um jogo de discursos e silêncios permeando a imprensa local. O oficioso jornal “Rio Grande”, como órgão do PRR, ao início da epidemia, empenha-se em apoiar as autoridades e negar a gravidade da situação, mas quando a epidemia demonstra-se incontrolável, faz do seu silêncio um alimento para o medo da população:

*“Nada adiantaria à população o conhecimento do exato coeficiente diário da mortalidade. A população sabe que ele não é normal porque estamos num estado sanitário anormal. E isto basta”*<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> RODRIGUES, Sued de Oliveira. *Santa Casa do Rio Grande: a saga da misericórdia*. Rio Grande: URG, 1985.(p 104)

<sup>93</sup> “Rio Grande”, n 273, 8 de novembro.

O silêncio dos governante fomentou ainda mais o medo. Não haviam notícias oficiais que construíssem uma verdade sobre a qual apoiar-se. Silêncio este que formula-se de múltiplas maneiras e perpetuaria-se em uma “amnésia histórica”. Mas sobre ele restam falas como a de D. Olga:

*“Foi assim que passo a gripe espanhola. Pois é, mas quanta gente morreu!? É que a gente não sabe. Não davam nos jornais, não noticiavam, quando passava o tempo: ‘E o fulano? E o siclano? Ah! Foi com a tal da gripe.’ Os jornais não falavam pra não assustar mais, não é?(sic)”*

Esta falta de comunicados oficiais permitiu que o jornal “Echo do Sul”, por exemplo, publica-se sempre números de mortalidade mais altos que os encontrados nos registros, além de notícias sobre enterrados vivos, suicídios e envenenamentos por remédios, sem que nunca fossem confirmados ou desmentidos. Além das constantes críticas à Saúde dos Portos e a Intendência Municipal.

Tamanhas críticas acabam por promover a substituição do Delegado de Hygiene saindo o Dr. Euclides Miró Alves, entrando em seu lugar o Dr. Pio Angelo da Silva. Interessante notar que, estes dois médicos eram co-autores do livro *A Propósito da Peste Bubônica Em Rio Grande*, junto com Augusto Duprat. Esta alteração foi muito elogiada pelo jornal “Echo do Sul”<sup>94</sup>, mas é importante aqui perceber, como os médicos, também

<sup>94</sup> “Echo do Sul”, n 251, de 4 novembro 1918.

nesta cidade, formavam uma corporação fechada, onde poucos homens monopolizavam um saber sanador elitizado e científico.

Mas a maneira ácida e irônica de escrever do “Echo do Sul” não se modifica. No seu discurso estão presentes muitas cidades, que vagueiam entre a doença e o abandono, a indignação e a morte:

*“ A população, na sua maioria, é presa do mal. Comércio que fecha, fábricas que param, os hospitais repletos, as mortes se multiplicam: eis o resultado de um desleixo! O que pensará de tudo isso a Saúde dos Portos?”*

*“ O que a metade da população tem não é influenza. É uma epidemia sem importância, no dizer da Inspeção de Saúde”*

*“O serviço de transporte de cadáveres para o cemitério, feito pela Santa Casa às pressas, a fim de atender ao seu grande número (...) Era Transportado um caixão a enterrar, o indivíduo, que era dado como morto, tanto ruído fez que chamou a atenção”<sup>95</sup>*

Enquanto as críticas a Saúde dos Portos continuavam, o seu encarregado Augusto Duprat, já havia sido infectado. Mesmo doente atendia centenas de pessoas por dia, e é o

<sup>95</sup> Fragmentos extraídos de notícias publicadas no “Echo do Sul”, números 244 e 249, de 24 e 30 de outubro, respectivamente.

único médico que continua a assinar os óbitos no registro de sepultamento da Santa Casa, durante o período auge da epidemia, enquanto os outros, em sua maioria também doentes, teriam preferido recolherem-se à segurança privada do seus lares.<sup>96</sup>

Já o último jornal de grande porte na cidade, “O Tempo” tem uma atitude de confiança nas autoridades ao início da epidemia:

*“Confiando, entretanto, na ação das autoridades sanitárias para que o mal não se propague e não venha perturbar o excelente estado sanitário do Rio Grande”<sup>97</sup>*

Logo em seguida suas atividades são paralisadas, quando retorna após ficar sem funcionar de 24 de outubro a 11 de novembro, esta agora pedindo clémencia a Deus:

*“Mercê de Deus! Aqui nos achamos de novo volvidos ao trabalho de cada dia, de que nos arredou a terrível epidemia ora reinante na cidade, fazendo vítimas aos milhares e tendo já ceifado centenas de vidas preciosas.”<sup>98</sup>*

<sup>96</sup> Estas informações foram retiradas da entrevista com Liuba Duprat, filha do médico, nascida em 1900 e falecida em 1994. Em 1918 ela era secretária do Dr. Duprat, a informação sobre ele pode ser confirmada pelas suas assinaturas no registro de Sepultamento do Cemitério Católico

<sup>97</sup> “O Tempo”, n 255, 9 de outubro.

<sup>98</sup> Idem, n 268, 11 de novembro

O jornal “O Tempo” possuía uma postura amena que poupava críticas aos governantes. Isto não se modificou durante o período da epidemia. Seu proprietário, diretor e fundador: Alipio Cadaval, era um ex-funcionário público sem filiação partidária, o que não impedia que o jornal tenta evitar atritos com o governo do PPR. Pode-se perceber isto durante a primeira quinzena de outubro quando a greve dos funcionários da Cia Francesa em Rio Grande, não é noticiada por este, enquanto o jornal “O Echo do Sul” garante uma cobertura diária.<sup>99</sup>

A respeito do jornal “Echo do Sul”, o seu proprietário já havia falecido, encontrando-se a direção a cargo de seus herdeiros, estes eram identificados no cabeçalho da primeira página como “viúva Alfredo Rodrigues de Oliveira e filhos”. Desta forma vê-se um jornal com um discurso relativamente agressivo, possuindo na direção uma mulher sem visibilidade, que legitima a sua posição de comando em um veículo de informação com circulação no espaço público, através do seu laço matrimonial. Relaciona-se assim, a aceitação social e a possibilidade de exercer a sua posição crítica, com a manutenção metafórica da submissão ao falecido marido.

Cidade abandonada pelas autoridades, cidade perdida a “mercê de Deus”, cidade silêncio das falas e das ruas. Os discursos não mais importavam. O otimismo do período anterior á epidemia havia desaparecido em algum lugar de um passado próximo. Toda a vida cotidiana estava desestruturada. Como poderiam estas pessoas sobreviver? Como escrever a própria sobrevivência?

<sup>99</sup> Durante a década de 30, com a morte de Alipio Cadaval e a conseqüente venda do jornal, este passa a ter uma vinculação partidária mais direta.

Quando o ano de 1918 terminou e junto com ele, além da Grande Guerra, a Influenza Espanhola, o relatório da Delegacia de Higiene e Assistência Pública da cidade referente diria:

*“Em fins de outubro começavam a manifestar-se na cidade casos de gripe com caracter epidêmico, sendo os primeiros importados do Rio de Janeiro em vapores de passageiros daquela procedência. Como se deu em toda parte, a moléstia em poucos dias alastrou-se de forma alarmante, apavorando a população, não tanto pela gravidade do mal, como pela rapidez e extensão do contágio, o que desde logo dificultou a assistência e os doentes necessitados, que eram em número elevado (sic)”<sup>100</sup>*

Um comentário curto que esconde os fantasmas dos mortos, da dor, da falta de esperança e da solidão que invadiram uma cidade envolta por uma epidemia. Ao olhar os números de mortos e comparar com os do período anterior, pode-se ter uma visão mais ampla:

<sup>100</sup> Relatório da Delegacia de Higiene e Assistência Pública (1918-1919), arquivo da Prefeitura Municipal.

Tabela 6

## Óbitos Totais Registrados Anualmente

Ano	Óbitos
1916.....	1209
1917.....	1374
1918.....	1849
1920.....	1257

<sup>101</sup>

Os números anuais de mortos na cidade, nos anos anteriores e posteriores à epidemia, confirmam a extensão desta, quando comparados com as 1184 vítimas registradas ao total nos quatro meses que ela durou. O que observa-se no gráfico abaixo:

Tabela 7

## Óbitos Totais Registrados Mensalmente ( de set. a dez. 1918)

Mês	Óbitos
Setembro.....	84
Outubro.....	234
Novembro.....	683
Dezembro.....	183

<sup>102</sup>

<sup>101</sup> Registro de Sepultamento do Cemitério Católico, Santa Casa de Misericórdia.

<sup>102</sup> Relatório da Delegacia de Higiene e Assistência Pública 1918, arquivo Prefeitura Municipal.

Encobertos nestas tabelas, estão também a luta contra a morte certa e a busca por um futuro. Dentro deste mergulho no medo, era necessário engendrar a sobrevivência, esta resposta não seria dada por nenhum saber científico, por nenhum conhecimento novo ou técnica recém descoberta, pois a modernidade havia se demonstrado frágil diante de uma velha epidemia, havia sido quebrada como cristal em mil pedaços, cada um para um lado e todos sem construírem nada, sem responderem a nenhuma questão e se caso houvesse alguma saída, essa deveria ser pelo seu avesso.



*“Mas há uma beleza interior, de dentro para fora, a transluzir de certas avozinhas trêmulas, de certos velhos nodosos e graves como troncos. De que será ela feita, que nem notamos como a erosão dos anos os terá deformado. (...) Eu gostaria de acreditar que essa inexplicável beleza dos velhos talvez fosse uma prova da existência da alma.”*

*“Ah, essas pequenas coisas, tão quotidianas, tão prosaicas às vezes, de que se compõe meticulosamente a tecitura de um poema...”*

Mario Quintana, *Caderno H.*

### CAP. III - A ESCRITA DA SOBREVIVÊNCIA:

#### Mulheres, Vizinhas e a Saúde do Lar

*“Nestes sombrios dias em que a morte vai ceifando centenas de milhares de vítimas, a mente reflexiva da mulher deve estremecer pelo futuro de sua raça.”<sup>103</sup>*

A escrita da sobrevivência passa por uma reapropriação de espaços, um engendrar de solidariedades, por “maneiras de fazer”<sup>104</sup> um cotidiano, mesmo quando em frente a uma situação que parecia ter retirado estas possibilidades.

Dentre os caminhos possíveis para a sobrevivência desta sociedade ao colapso imposto pela epidemia, um fica claro nos jornais pesquisados: as camadas burguesas

---

<sup>103</sup> POTOCKA, Selda. *A Saúde do Lar*. in: “O Tempo”, n 272, 16 de novembro, 1918.

<sup>104</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. op. cit. (p 40). Sobre o cotidiano lembra-se: MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. “Fundada sobre a repetição, as pequenas coisas e a fragmentação a vida diária jamais se deixará apreender através de instrumentos que pressuponham o desenvolvimento uniforme e constante” ( p 26).

organizaram-se e auxiliaram a população necessitada.<sup>105</sup> Desta maneira, no configurar da situação para as elites, mais um medo era eminente, o do rompimento da ordem estabelecida, já que a maioria da população estava desamparada pelos governantes e médicos, o que facilmente poderia levar a um desespero e a eclosão de revoltas. Lançar mão da filantropia parece ser uma resposta satisfatória para controlar esta multidão perigosa.

Seguindo este raciocínio, ver-se-á as indústrias privadas de Rio Grande distribuindo alimentos à população, como foi o caso da Leal Santos S.A., que fornecia diariamente um sopão não só para os seus empregados, mas a todos que necessitassem, formando-se enormes filas diante da sua fábrica. A loja maçônica Philantropia montou uma enfermaria e distribuía medicamentos gratuitamente. A Santa Casa de Misericórdia fornecia leite à mães com filhos no colo que se aglomeravam às portas deste hospital, a Liga de Senhoras Beneficentes fazia um trabalho de “caridade” também distribuindo comida e alimentos. A burguesia de Rio Grande engendrava assim uma resposta a situação.

Esta resposta para a sobrevivência seria então semelhante a encontrada por Cláudio Bertolli Filho, quando este estudou a Influenza Espanhola em São Paulo:

*“Na incúria do poder público, a sociedade civil se organizava, tratava seus doentes, enterrava seus mortos.”<sup>106</sup>*

<sup>105</sup> “Echo do Sul” e “O Tempo”, dos números 225 ao 270, 254 ao 276, respectivamente, ano 1918.

<sup>106</sup> BERTOLLI FILHO, Cláudio. A Gripe Espanhola em São Paulo. In: *Ciência Hoje*. vol 10, n 58. São Paulo, SBPC, 1989.

Mas, ao olhar para a escrita desta sobrevida na cidade do Rio Grande, pode-se ir além da necessidade de manutenção da ordem, de uma organização da “sociedade civil” em contraponto a inépcia dos governantes. Limitar-se a este ponto forneceria apenas uma visão simplista de uma teia de práticas e relações mais complexa e de difícil leitura. Através de uma interpretação dos papéis femininos nesta sociedade e da memória de algumas destas mulheres, tentar-se-á compor um olhar um pouco diferenciado, onde o “organizar” a sobrevida, sede lugar a um “fazê-la”.

Para a realização deste intento, o presente trabalho enfrenta o problema da escassez das fontes. As poucas que existem requerem uma leitura de entrelinhas para evidenciar a presença da mulher, tanto a burguesa quanto a operária, ambas permeadas de estereótipos. Esta busca dentro da totalidade das relações sociais, parece um modo promissor de romper com mitos e enxergar práticas de solidariedade.

As péssimas condições de vida fizeram com que esta epidemia, considerada “democrática” pelos médicos, fosse segregacionista nas suas taxas de mortalidade. Afinal, se a sociedade foi atacada como um todo, a população pobre é que forneceu a maioria das vítimas mortais, pois as suas resistências orgânicas eram debilitadas pelas suas condições de vida no período anterior à epidemia como já foi visto. Nos mesmos registros de sepultamento responsáveis pelo fornecimento dos dados que permitem a afirmação que a maioria dos homens mortos eram operários, raramente a profissão da mulher era anotada. Nas vezes que isto ocorria, os registros revelam uma quase totalidade de “cozinheiras e “domésticas”<sup>107</sup>.

<sup>107</sup> Registro de Sepultamento Cemitério Católico livros de 06/01/1912 a 02/11/1918, e 02/11/1918 a 02/12/1926, Santa Casa de Misericórdia.

Mas quem eram estas mulheres e como enfrentaram a epidemia? Como sobreviver se durante a Influenza houve um grande aumento dos preços sobre os alimentos e os remédios, que além disso ficaram escassos?<sup>108</sup> Os jornais falam das iniciativas de auxílio aos “carentes” feitas pela Maçonaria, pelo Clube Beneficente de Senhoras e por empresas privadas. Como coadjuvantes nestas notícias encontram-se estas mulheres pobres, na luta diária. São elas que ficavam em Frente a Santa Casa de Misericórdia, esperando pela distribuição do leite doado pelo Clube Beneficente de Senhoras. Também se encontram na fila do “sopão” da indústria Leal Santos.

As relações de vizinhança, que sempre foram um ponto importante para a sobrevivência destas mulheres<sup>109</sup>, estavam em uma situação delicada já que o outro, em período de epidemia, torna-se um transmissor em potencial do mal. Assim, as diversificações encontradas para a manutenção de um auxílio mútuo entre elas, não aparecem em nenhuma notícia de jornal, em nenhum relatório. O silêncio destas fontes poderia representar um fechar de portas para esta investigação.

As pequenas oportunidades que a caridade das elites ofereciam, as prováveis relações de solidariedade entre elas, apontam caminhos que podem ter seguido estas mulheres pobres, que na sua vida cotidiana já possuíam uma dupla responsabilidade, gerindo a sua sobrevivência e a da sua família, extrapolando os limites do espaço privado, dos afazeres domésticos, pertencendo também, através do trabalho, ao espaço público. Durante a epidemia esta luta diária tornou-se ainda mais árdua e estas “cozinheiras e

<sup>108</sup> “Echo do Sul”, n 245, 25/10/1918; n 248, 28/10/1918; n 240, 19/10/1918.

<sup>109</sup> DIAS, Maria Odila Leite da S. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

domésticas', que preenchem as listas de sepultamento, foram as que sucumbiram em meio a esta batalha.

Se entre as camadas pobres da população o medo do contágio era grande, entre as elites ele era ainda maior. Esta já era acostumada a olhar o outro, como o proletariado e os seus cortiços amontoados, como portadores de enfermidades<sup>110</sup>. Com a gripe esta visão somente acentuou-se. A elite tranca-se em suas casas, além do perigo do contágio, havia o fantasma do rompimento da ordem. Nas ruas impera o silêncio. A cidade está parada, a não ser pelas farmácias, uns poucos mercados e os pobres em busca de auxílio.

Trancada em sua casa, a “senhora” burguesa ou de classe média, acostumada à segurança do seu cotidiano, vê toda a estabilidade da sua vida ruir. As autoridades masculinas, sob as quais a “rainha do lar” vivia, não conseguiram resolver a situação: o saber médico, com o seu exclusivo acesso ao mundo da ciência que cura, estava impotente frente a Influenza; os governantes em silêncio e o marido, provavelmente, estava enfermo, contaminado pelo seu próprio mundo da rua, o público. Só restava a família, o espaço privado do lar, espaço eminentemente feminino e o único reduto de segurança<sup>111</sup>.

Estas mulheres são as mesmas que participam do Clube Beneficente de Senhoras, elas tem acesso a remédios, a boa alimentação e a atendimento médico. Nada disto livrou-as da epidemia, mas elas, sempre representadas por estereótipos de fraqueza e fragilidade, foram as que mais sobreviveram. Se as suas condições materiais não conseguiram barrar a Influenza espanhola, ao menos proporcionaram uma maior resistência. Logo o seu cotidiano se retabeceria, as portas de sua casa reabririam-se, o contato com os seus “iguais” seria

---

<sup>110</sup> EHRENREICH, Barbara & ENGLISH, Deidre. *Brujas, Comadronas y Enfermeras: História de las Sanadoras*. Barcelona: Lasl, 1984.

<sup>111</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *O Anjo da Casa*. São Paulo: UFCH/ Unicamp, 1991.

retomado, o marido retornaria ao trabalho e ao espaço público, mas ela continuaria sozinha, dentro do seu castelo que, por alguns momentos, fora a principal fortaleza.

No ano de 1918, já fazia muito tempo que o poder de cura havia transformado-se em um poder dos médicos profissionais, e haviam sido menosprezados os conhecimentos empíricos das mulheres como sanadoras. Havia uma crescente dependência das mulheres mais favorecidas economicamente para com os médicos e suas alquimias para a cura dos males e promoção do bem-estar familiar<sup>112</sup>. Neste momento, o mundo masculino não fornecera respostas ou saídas para o problema. Mas os governantes, a ciência, o saber médico, e todo este mundo de acesso restrito aos homens, não poderia assumir a culpa pelo fracasso sozinho, logo achariam outros culpados:

*“A vida só se conserva pela alimentação. A mulher é quem alimenta a família. Se alimenta bem, dá-lhe a saúde. Se a alimenta mal dá-lhe a doença.(...) O médico e o higienista não podem fazer tudo. À mulher compete zelar pela higiene do lar e pela saúde da família.(...) A falta dessa instrução, a ciência doméstica se viu agora. Chamo em meu testemunho todos os médicos que lutaram para dominar a epidemia. A sua tarefa foi agravada pela ignorância dos doentes e das suas enfermeras.”<sup>113</sup>*

<sup>112</sup> ENRENREICH, Barbara & ENGLISH, Deindre. op.cit.

<sup>113</sup> POTOCKA, Selda. op. cit.

Este artigo, denominado “A Saúde do Lar”, foi publicado no período final da epidemia, onde o fracasso de qualquer tentativa de controlá-la era claro, ele encontrava a resposta para o problema de se saber “de quem seria a culpa”, colocando-a na população “ignorante” e nas suas “enfermeiras”, ou seja, as “donas-de-casa” que não souberam como cuidar dos seus doentes.

Não mais importava que o saber empírico desta houvesse sido menosprezado e a dependência ao saber médico incentivada, cobrava-se da mulher uma estranha “ciência doméstica”, e eximia-se de culpa a ciência dos homens. Toda a luta durante a epidemia era esquecida, todo o seu saber subestimado, pois a mulher supostamente não teria cumprido o seu papel: zelar pela saúde do lar. Por outro lado os enfermos também eram acusados de ignorância, como se a maioria da população fosse culpada pela sua marginalização frente ao mundo higiênico científico trazido pela modernidade.

Se as mulheres não possuíam a “Ciência Doméstica”, se a população enferma era “ignorante” para os olhos civilizados, tudo isto apenas auxiliou na busca de práticas originais que escrevessem a sobrevivência a esta epidemia. Práticas estas não mencionadas nos jornais e relatórios, e que só poderiam ser encontradas na memória destas mulheres, o que leva a um abandono dos papéis empoeirados dos arquivos e a uma caminhada em direção a uma fonte pulsante e viva: a memória das pessoas que vivenciaram a Influenza Espanhola.

Para falar de memória segue-se Eelée Bosi, ao trabalhar memória como “reconstrução do passado”, referenciando-se em Halbwachs:

*“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências*



*do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.*<sup>114</sup>

Olhando a memória como fragmentos de um infinito, uma reconstrução que permeada pelas percepções que se tem do mundo, um lugar no qual, passado e presente perdem as fronteiras e “*a identidade entre as imagens de um e de outro*”, é assim que a memória é trabalhada nesta interpretação.<sup>115</sup>

Tentando dar voz a que não é, nem nunca foi ouvido, tentando transpor o silêncio a que foram condenadas pelas fontes oficiais, busca-se na memória de algumas mulheres outros olhares sobre a epidemia e as práticas. Olhares de menina, compostos pela lembrança dos idosos. A fala é novamente de Dona Olga Rosa Caripuna, esta senhora nascida no dia 23 de agosto de 1903 e que foi entrevistada em outubro de 1994:

*“Foi mesmo feito peste braba. Uma gripe braba. Diziam a gripe espanhola, eu acho aquilo até foi mais espanhola do que...não sei. Mais engraçado lá na nossa casa*

<sup>114</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo: USP, 1987. (p 17)

<sup>115</sup> As fronteiras entre passado e presente são muitas vezes fluidas, como no caso da História, onde o historiador também mescla os dois tempos entre fontes e interpretações, ao fazê-la. A citação em itálico é BOSI, Ecléa. op cit.

*ninguém teve, toda a vizinhança de casa tudo fechado. E eu dizia, que engraçado. Mais saba porque é ? Naquele tempo se usava aqueles fogareiro de ferro, conhece? Cheio de carvão, então se botava ali uma panela, uma coisa de barro, fervendo com ervas pra dá chero, aquela erva que gostam muito de bota no feijão...loro. Aquilo todo dia, de maneira que dentro de casa tava sempre respirando. Agora as minhas irmãs casadas tiveram, tiveram bem mauzinha e elas estavam esperando criança. A Otávia tava esperando a Dina, que era dia 24 de dezembro que ela nascia, dela nascer. E a outra então nasceu no dia 5 de fevereiro. Mas ai já tinha passado. Mais a Dina nasceu quase no auge. Depois foi declinando, declinando.(...)*

*Eu tava com 18, 17,...15anos... e naquele tempo a gente não era esperta assim pra sabe bem esse tipo de coisa, mas em todo caso a gente ia indo pra frente, pra frente. Mais tudo passo, tudo clareo, graças a Deus, foi passando.(...) Mas custô um pouquinho.*

*Sempre aparecia um e outro, não se abria muito a porta...mas em todo caso atendiam pra sabe o que que precisavam. Mas quase todos tinham mesmo remédios em casa sempre. Gente que gosta muito de faze coisas caseiras e as vezes parece que é melhor do que remédio, não é? Fazia chá, muitos chás, muita gemada, muitas coisas assim, coisas que*

*tirassem o frio, muitas alimentações que faziam. E por ai foi se vivendo, um ensinando pros outros, um perguntando. As vezes, a gente batia se queria alguma coisa, se não queria, se precisasse de alguma coisa, Se precisassem de remédio pra socorre. (...) De maneira que tudo correu melhor assim. Ia ajudando um ao outro e assim foi passando o tempo, foi se normalizando tudo.(sic) ”<sup>116</sup>*

Na entrevista de D. Olga, nas suas lembranças sobre a gripe, estão presentes vários elementos já referidos através de outras fontes. Por ela perpassam a perda de referenciais, os infinitos doentes, a desinformação, o medo, a sombra da morte espreitando as redondezas e os silêncios. Quando se trata de sobreviver a situação que se colocava, o caminho é a transmissão de saber empírico, o auxílio mútuo, o abrigo do lar. Desenha-se desta maneira um quadro, a partir de rabiscos chamados memória, este quadro é uma imagem do avesso da modernidade onde pode-se enxergar um fazer da sobrevivência. Fica no ar um cheiro de loro, na boca, um gosto de canja de galinha e gemada; enquanto nos ouvidos retumbam as batidas na porta pela vizinha, que pergunta se a comadre precisa de algo.<sup>117</sup>

A margem da história, contando uma “história no sentido inverso”, vê-se a sobrevivência sendo construída por estas mulheres, em espaços estritamente femininos, ou

<sup>116</sup> Trechos extraídos da entrevista realizada na cidade do Rio Grande em 4 de outubro de 1994.

<sup>117</sup> São solidariedades permeando um cotidiano, abrindo caminhos para a sobrevivência. Lembrando MAFFESOLI, Michel. *op. cit.* “A cidade, em sua banalidade, é potencialmente rica em aventuras produzidas pelas inumeráveis ruas e lugares diversos (...). Ao contrário dos projetos exteriores, sempre reformistas é isso que permite compreender que o cotidiano mais banal seja o cadinho de permanência da sociabilidade” (p 27).

seja, no lar da dona de casa e nas relações de vizinhança compostas por elas<sup>118</sup>. Opondo-se ao modernismo ufanista, higiênico e civilizador, elas contam com a improvisação diária para afastar a morte e gerenciar a sobrevivência familiar.

*Tem a astúcia do camaleão, dos pequenos bichos que não pretendem vencer, pois já foram vencidos, mas apenas defender-se da morte.*<sup>119</sup>

Estas são as mulheres que povoam a mente de Dona Olga, esta é a cidade que então desenha-se em traços leves, lentamente, pelas mãos da lembrança. Tão longe dos saberes oficiais e das verdades científicas, em meio a várias maneiras engendradas de “caça não autorizada”, num fazer do sobreviver cotidiano em uma cidade memória.

*Tal como o historiador cujo trabalho é o de reconstruir significações pretéritas a partir de seus condicionantes presentes, a relebrança é uma reconstrução orientada pela vida atual, pelo lugar social e pela imaginação daquele que lembra. Nada é esquecido ou lembrado no trabalho de recriação do passado que não diga respeito a uma necessidade presente daquele que registra.*<sup>120</sup>

---

<sup>118</sup> Sobre os papéis femininos ver DIAS, Maria Odila Leite da Silva. op.cit. ; PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe*. Fpólis: UFSC, 1994 e PERROT, Michelle. op. cit.

<sup>119</sup> BOSI, Ecléa . In: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. op.cit.

<sup>120</sup> MALUF, Sonia- *Ruídos da Memória*- São paulo: Siciliano, 1995.( p. 31)

Talvez por isto, o elo entre o historiador e a memória dos idosos seja tão forte, afinal ele é feito através da divisão da mesma dor: a de conviver, em um efêmero presente, com os mortos do passado, um passado eterno.

Através da memória encontram-se os indícios que mostram uma coexistência de múltiplos saberes. Neste momento de perda de referenciais o saber científico está longe de qualquer tipo de hegemonia e a busca por respostas no saber empírico é recorrente. Como enxerga-se nas memórias de Dona Elcy :

*“Eu e os meus irmãos todos tiveram (gripe espanhola). As empregadas também(...). Davam uns remédios, o médico foi lá pra vê (...). Meu pai saía para comprar remédios, a farmácia era muito boa. Meu pai era um homem disposto, muito forte, fico pouco doente(...).*

*Mais era mais cházinho....Antigamente se usava muito cházinho(...).*

*Deve ter morrido muita gente, era em toda parte. Mas eu não me lembro.( sic) ”<sup>121</sup>*

Na busca de pistas, pelas entrelinhas de uma entrevista marcada pela afirmação de que não haviam recordações, pode-se perceber indícios da convivência dos saberes empírico e científico dentro do espaço privado da casa, além das relações deste com o espaço público.

---

<sup>121</sup> Entrevista realizada com Dona Elcy Medina Bomfiglio Olinto, na cidade do Rio Grande, em outubro de 1994. D. Elcy é nascida no dia 20 de julho de 1903.

Esta circulação das pessoas por entre espaços e saberes diversos constrói um quadro intricado de relações. Os doentes recolhem-se para o lar e são tratados com indecifráveis “cházinhos”. O que remonta a um saber passado de geração em geração, dentro deste espaço iminentemente feminino, com um tempo difuso que é o “antigamente”. Por outro lado, o pai vai, mesmo doente, ao espaço público na busca dos seus remédios científicos, e assim, da rua para a casa vem o médico e os remédios da farmácia.

Em poucas frases, a partir de indícios<sup>122</sup>, traça-se uma intrincada rede de relações e circulações, onde o saber científico divide espaços com o seu avesso. Perdida dentro do mais sutil dos discursos<sup>123</sup>, em um labirinto, a modernidade - ou seria o historiador? - parece ser vista passando pelo lado de fora da janela da casa. Em um universo multifacetado somente poderiam ser construídas várias respostas, através de múltiplos saberes, por entre “verdades” e os seus avessos.

<sup>122</sup> Ao falar-se de indícios, lembra-se o método indiciário proposto in: GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. Que como Sherlock Holmes busca-se nos pequenos detalhes a solução de um problema. Não esquecendo-se que “como o médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário e conjetural” (p 157).

<sup>123</sup> Novamente o labirinto, neste caso o do discurso, onde Aristóteles gostava de perder-se, agora in: CERTEAU, Michel. op.cit. “As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços.” (p171). CERTEAU, Michel. op. cit. Fascinante labirinto onde se trafega em metáforas (p 199).

*“Os outros lugares são espelhos em negativo.  
O viajante reconhece o pouco que é seu  
descobrendo o muito que não teve e o que não  
terá.”*

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Às vezes, nossa história pessoal coincide com a história do universo”.*<sup>124</sup>

Sobre uma epidemia que envolve a morte de 25 milhões de pessoas em torno do mundo há, e sempre haverá, uma infinita potencialidade para as análises mais diversas. A Gripe Espanhola pode ser vista como o prelúdio de uma crise, que se estenderia pela década de 20 e acabaria desembocando na Revolução de 30. Também como um lugar extremo que impeliria, já no ano seguinte (1919), a Presidência da República a propor no Congresso a criação do Ministério da Saúde, além de uma longa redefinição de papéis na assistência de saúde pública à população<sup>125</sup>.

<sup>124</sup> ECO, Umberto. *Seis Caminhos Pelo Bosque da Ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. (p 145)

<sup>125</sup> Redefinição burocrática que baseava-se na ampliação da presença do Estado nesta área, o que supunha-se garantiria uma maior eficiência dos serviços prestados. Ver: Revista Médico Cirurgica do Brasil, novembro 1919.



Pode-se enxergar nas reações a esta pandemia, comportamentos que remontam as epidemias de peste na Idade Média, afinal não é a toa que Beverindg chamou-a de “a última grande peste”<sup>126</sup>. O caminho tornar-se-ia um tecer entre um incerto inconsciente coletivo, algumas continuidades históricas e um indecifrável inconsciente individual, na medida das possibilidades da execução de tão árduo trabalho.

Poderia olhar-la, como faz a Igreja Testemunhas de Jeová, como representando um dos cavaleiros do apocalipse, ou seja novamente a peste, lugar que divide com a AIDS, mostrando os sinais do fim dos tempos.<sup>127</sup> Principalmente, pode-se traçar um paralelo com esta última epidemia, enxergando nas duas as exclusões, a solidão e, talvez, a solidariedade.<sup>128</sup> Ou aprofundar-se no choque entre o saber empírico, que aqui vê-se intimamente ligado à solidariedade, e o saber científico, no caso, o médico, visto que neste, desenvolve-se “em grande parte a substituição da ignorância por mentiras”<sup>129</sup>, ou melhor, conceitos que se outorgam a posição de verdades, também é um caminho que pode ainda render muitas outras análises.

Os caminhos a serem seguidos ou/e propostos neste espaço, são muitos e levam a uma questão satisfatória: falta muito a dizer e sempre faltará. A história continua a pulsar e desta maneira demonstra-se viva. Uma interpretação a mais - como olhá-la como um avesso da modernidade - é apenas mais um grão na ampuleta do tempo. Ampuletas diversas e multiformes, pois são construídas pelo próprio olhar lançado pela interpretação.

<sup>126</sup> BEVERINDG, W.I. . op. cit. e DELUMEAU, Jean. op. cit.

<sup>127</sup> Testemunhas de Jeova , publicação “*Importa-se Deus Conosco?*”. Igreja Testemunhas de Jeová, 1992.

<sup>128</sup> Sobre a AIDS, pode-se ainda lembrar que a Saúde Pública tem a função de “manter a doença longe”, constituindo assim a categoria do “outro como uma ameaça. O “outro” trazido pela AIDS é uma ameaça que ainda envolve uma intrincada gama de discursos sobre sexualidade e comportamentos, o que torna a sua exclusão mais complexa.

<sup>129</sup> GORDON, Richard. *A Assustadora História da Medicina*. Ediouro, 1995.

Se a história de uma vida é parte integrante de uma história mais geral, isto vale não só para os entrevistados em uma pesquisa, mas também o historiador, ao compor a sua história está revivendo os seus próprios fantasmas. Mas não na tentativa de expurgá-los, apenas dialogando com eles.

Talvez fique faltando um olhar direto sobre a morte, pois ela acaba por rondar este trabalho como ronda todas as vidas. A sua busca, talvez, impulse este trabalho na “esperança de aquecer sua vida gelada com a morte descrita no livro”<sup>130</sup>. Seria mais um dos fantasmas ou o principal deles? Mas de nada adiantaria objetivá-la, afinal não é ela, provavelmente, o único fenômeno sobrenatural que ocorre em uma vida inteira?

Terminar com interrogações é um abrir de portas.

---

<sup>130</sup> BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. vol. 1. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, s/d ( p 214). Benjamin trabalha com narrativa no romance, mas que também serve muito bem para o presente trabalho, pois talvez, o historiador esteja buscando no fazer do seu trabalho, o mesmo que o leitor de um romance: procurar o calor que não encontra no próprio destino.

ANEXOS

- Anexo I:

Levantamento estatístico da Delegacia de Higiene e Assistência Publica da Cidade do Rio Grande referente ao mes de setembro de 1918:

Causas do falecimento	N. de obitos		Total	IDADES		Total	Estado Civil		Total	
	M	F		M	F		M	F		
Dysenteria.	1	0	1	15	5	20	Casados.	13	10	23
Tuberculose pulmonar e outros orgaos.	11	8	19	2	4	6	Viuavos	7	7	14
Cancer e outros tumores malignos.	0	3	3	1	0	1	Solteiros	30	16	46
Affecções do systema nervoso.	3	4	7	1	0	1	Ignorados	1	0	1
Affecções do systema circulatorio.	6	3	9	0	1	1	Total	51	33	84
Affecções do systema respiratorio.	3	2	5	1	2	3	Nacionalidades			
Affecções do systema digestivo.	5	4	9	7	6	13	Brasileiros	42	31	73
Affecções do aparelho urinari e annexos.	1	1	2	2	2	4	Portugueses	5	2	7
Affecções da infancia e vicios de conformação	5	1	6	4	3	7	Hispanhocos	2	0	2
Debilidade senil.	0	1	1	4	2	6	Italianos	1	0	1
Affecções produzidas por causas exteriores	2	2	4	3	2	5	Chinezes	1	0	1
Affecções mal definidas ou não especificadas	2	2	4	0	3	3	Total	51	33	84
Nascidos mortos	1	1	2	0	1	1				
Total	51	33	84	51	33	84				
				Cores						
				88	96	184				
				6	1	7				
				7	5	12				
				51	33	84				
				Total						
Numero total de obitos			84							
Em igual mez do anno pasado.			72							
Coefficiente diario de mortalidade			58							
Coefficiente diario de natalidade			8,75							
				NATALIDADE						
				M	F					
				50	69	119				
				Total						
				61	33	94				
				Casamentos realizados						
				21		21				

Diretoria de Higiene e Assistência Publica Municipal  
 Director Dr. Luciano Mino Alves.  
 Diretoria de Higiene e Assistência Publica Municipal  
 Director Dr. Luciano Mino Alves.

- Anexo 2:

Levantamento estatístico da Delegacia de Higiene e Assistência Pública referente ao mes de Outubro de 1918:

estatística demographico-sanitaria, segundo a causa do fallecimento, idade, sexo, estado civil, cor, nacionalidade e logar, correspondente ao mez de Outubro de 1918

Causas do fallecimento	N. de habitos		Total	IDADES			Total	Estado Civil			Total
	M	F		De 0 a 1 anno	M	F		Total	M	F	
Grúpe . . . . .	62	43	105								
Psycheria . . . . .	3	0	3	20	22	42	92	61	153		
Cancer e outros tumores malignos . . . . .	0	1	1	7	6	13	21	24	45		
Emphyse pulmonar e outras affecões . . . . .	12	13	25	1	10	11	9	18	29		
Affecções do systema nervoso . . . . .	4	3	7	3	7	10	7	1	8		
Affecções do appareilho circulatorio . . . . .	5	8	13	4	1	5	7	1	8		
Affecções do appareilho respiratorio . . . . .	6	4	10	23	19	42	129	105	234		
Affecções do appareilho digestivo . . . . .	13	10	23	29	12	41					
Affecções do appareilho urinari e annexos . . . . .	1	0	1	17	6	23					
Affecções da infancia e vicios de conformação . . . . .	2	1	3	6	8	14					
Enfermidade sebil . . . . .	0	1	1	6	5	11					
Affecções produzidas por causas extrinsecas . . . . .	1	0	1	1	5	6					
Affecções mal definidas ou não especificadas . . . . .	13	15	28	2	1	3					
Mortuos . . . . .	6	6	12	0	1	1					
Total	129	105	234	129	105	234	129	105	234		
<b>Córes</b>											
Branços . . . . .				83	65	148					
Mixtos . . . . .				20	14	34					
Pretos . . . . .				27	26	53					
Total				129	105	234					
<b>NATALIDADE</b>											
Nasc. registrados . . . . .				44	43	87					
<b>NACIONALIDADE</b>											
Em domicilio . . . . .				93	92	185					
Santa Casa . . . . .				24	15	39					
P. Portunanza . . . . .				2	0	2					
Hospital Militar . . . . .				2	0	2					
Hosp. F. do Lloyd . . . . .				4	0	4					
Hosp de Izolaento . . . . .				3	0	3					
Via publica . . . . .				1	0	1					
Total				129	105	234					

Directoria de Higiene e de Novembro de 1918.

Dr. VICENTE C. ESTRELA,  
Director interino

- Anexo 3:

Levantamento estatístico da Delegacia de Higiene e Assistência Publica referente ao mes de novembro de 1918:

Causas do falecimento	N. de casos		CÓRSES		Total	Estado Civil		Total
	M	F	M	F		M	F	
Febre typhoide	1	0	34	37	60	30	30	60
Grúpe	173	142	26	32	58	28	30	58
Conexões pulmonar e outros órgãos	16	13	27	9	36	12	24	36
Ôncos e outros tumores malignos	1	1	19	12	32	6	26	32
Anemia epletoic	2	0	6	11	17	1	16	17
Afécções do sistema nervoso	4	9	14	11	25	14	11	25
Afécções do aparelho circulatorio	5	5	63	25	88	43	45	88
Afécções do aparelho respiratorio	20	16	17	43	60	37	23	60
Afécções do aparelho digestivo	19	24	23	39	62	21	41	62
Afécções do aparelho urinario e annexos	1	1	9	12	21	15	6	21
Afécções da infancia e vices de conformação	1	5	13	19	32	6	26	32
Afécções produzidas por causas extrínsecas	1	0	9	5	14	6	8	14
Afécções mal definidas ou não especificadas	56	59	2	4	6	4	2	6
Ignoradas	8	5	0	1	1	1	0	1
<b>Total</b>	<b>301</b>	<b>279</b>	<b>304</b>	<b>279</b>	<b>583</b>	<b>269</b>	<b>314</b>	<b>583</b>

Causas do falecimento	CÓRSES		Total
	M	F	
Branca	233	208	441
Preta	89	45	134
Mixta	32	26	58
<b>Total</b>	<b>354</b>	<b>279</b>	<b>633</b>

NATALIDADE	CÓRSES		Total
	M	F	
Nasc. registrados	61	43	104
Ignoradas	1	1	2
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>44</b>	<b>106</b>

Causas do falecimento	N. de casos		Total
	M	F	
Em 1917	173	142	315
Em 1918	16	13	29
<b>Total</b>	<b>189</b>	<b>155</b>	<b>344</b>

Causas do falecimento	N. de casos		Total
	M	F	
Em 1917	173	142	315
Em 1918	16	13	29
<b>Total</b>	<b>189</b>	<b>155</b>	<b>344</b>

Causas do falecimento	N. de casos		Total
	M	F	
Em 1917	173	142	315
Em 1918	16	13	29
<b>Total</b>	<b>189</b>	<b>155</b>	<b>344</b>

Rio Grande, 10 de Dezembro de 1918.  
 O Director  
 Dr. Francisco Manoel Alves

- Anexo 4:

Levantamento estatístico da Delegacia de Higiene e Assistência Publica referente ao mês de dezembro de 1918:

com a denominação sumaria, segundo a causa do fallecimento, idade, sexo, estado civil, cor, nacionalidade e lugar, correspondente ao mez de Dezembro de 1918

Causas de fallecimento	N. de obitos		Total	IDAPES			Total	Estado Civil	M	F	Total
	M	F		M	F	Total					
Septicemia	1	2	3	51	41	92	Solteiros	35	65	100	
Asphyxia	1	1	2	5	10	15	Casados	14	10	24	
Influenza	1	1	2	7	4	11	Viuvas	0	8	8	
Empneumose pulmonar e outras orgaos	1	9	10	0	1	1	Ignorados	1	1	2	
Lepra	2	0	2	2	0	2	Total	102	84	186	
Obitos e outros tumores malignos	3	1	4	6	4	10	Nacionalidade				
Affecções do systema nervoso	3	3	6	11	2	13	Brasileiros	95	75	170	
Affecções do apparelho circulatorio	2	1	3	17	8	25	Portuguezes	4	2	6	
Affecções do apparelho respiratorio	5	1	6	6	3	9	Hespanheos	1	1	2	
Affecções do apparelho digestivo	30	34	64	6	5	11	Italianos	1	3	4	
Affecções do apparelho urinario e annexos	1	2	3	4	5	9	Polacos	1	0	1	
Affecções da infancia e vicios de conformação	18	9	27	2	0	2	Austríacos	0	1	1	
Affecções produzidas por causas extrinsecas	2	0	2	0	1	1	Americanos	0	1	1	
Affecções mal definidas ou não especificadas	5	14	19	0	1	1	Ignorados	0	1	1	
Obitos de rios	1	1	2	Total	81	186	Total				
Total	102	84	186	M	F	Total	Total				
Cores											
Brancos	15	63	78	15	63	78	Total				
Pretos	11	9	20	11	9	20	Total				
Mixtos	15	12	27	15	12	27	Total				
Total	41	84	125	41	84	125	Total				
NATALIDADE											
Nasc. registrados	53	41	94	53	41	94	Total				

Rio Grande, 1 de Janeiro de 1919.

O Delegado  
Ton Estevão Miro Alves

- Anexo 5:

Fotografia do porto de Rio Grande no ano de 1918:



- Anexo 6:

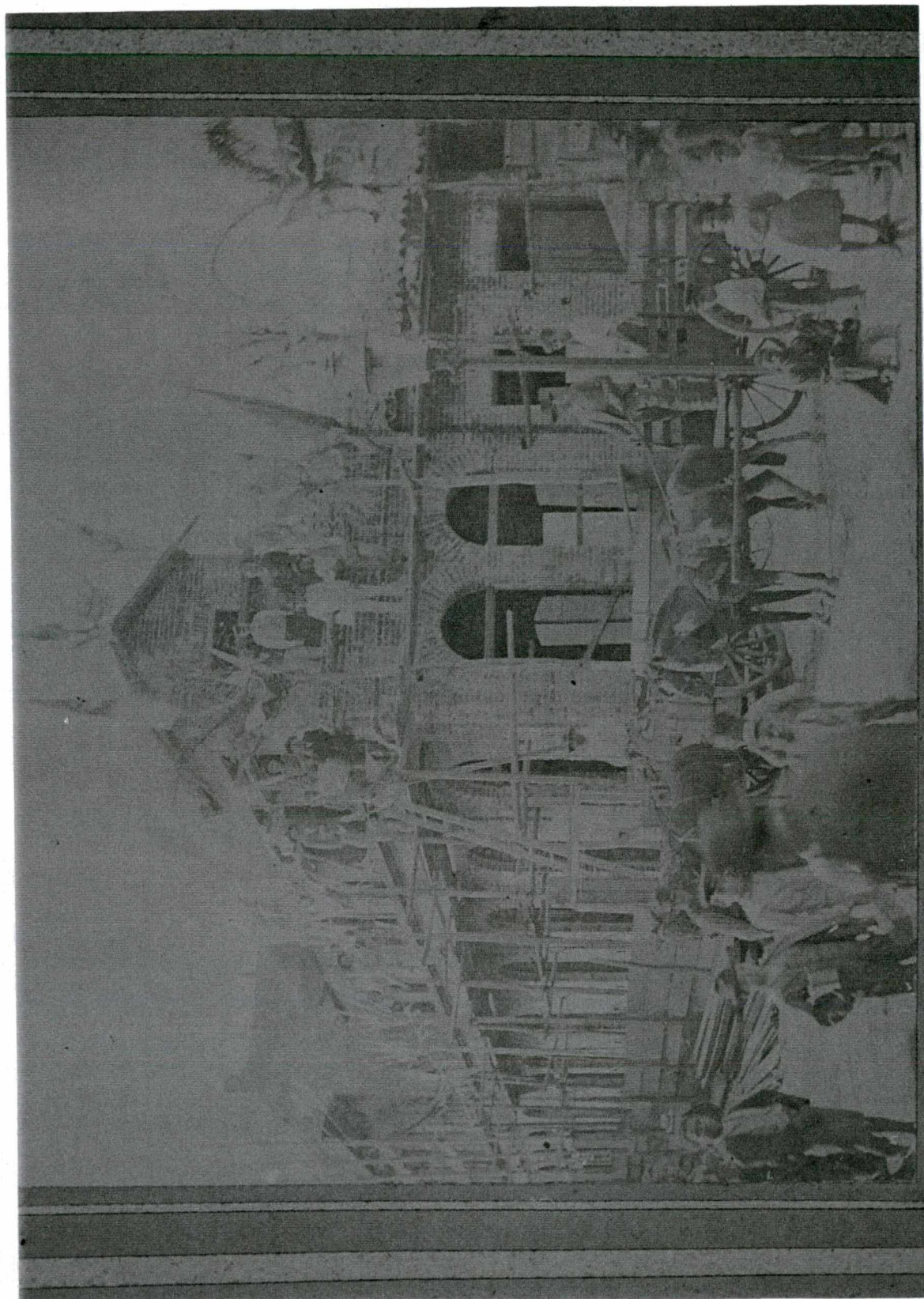
Fotografia da Praça Tamandaré, um local de passeio e sociabilidade no centro da cidade no início do século XX.





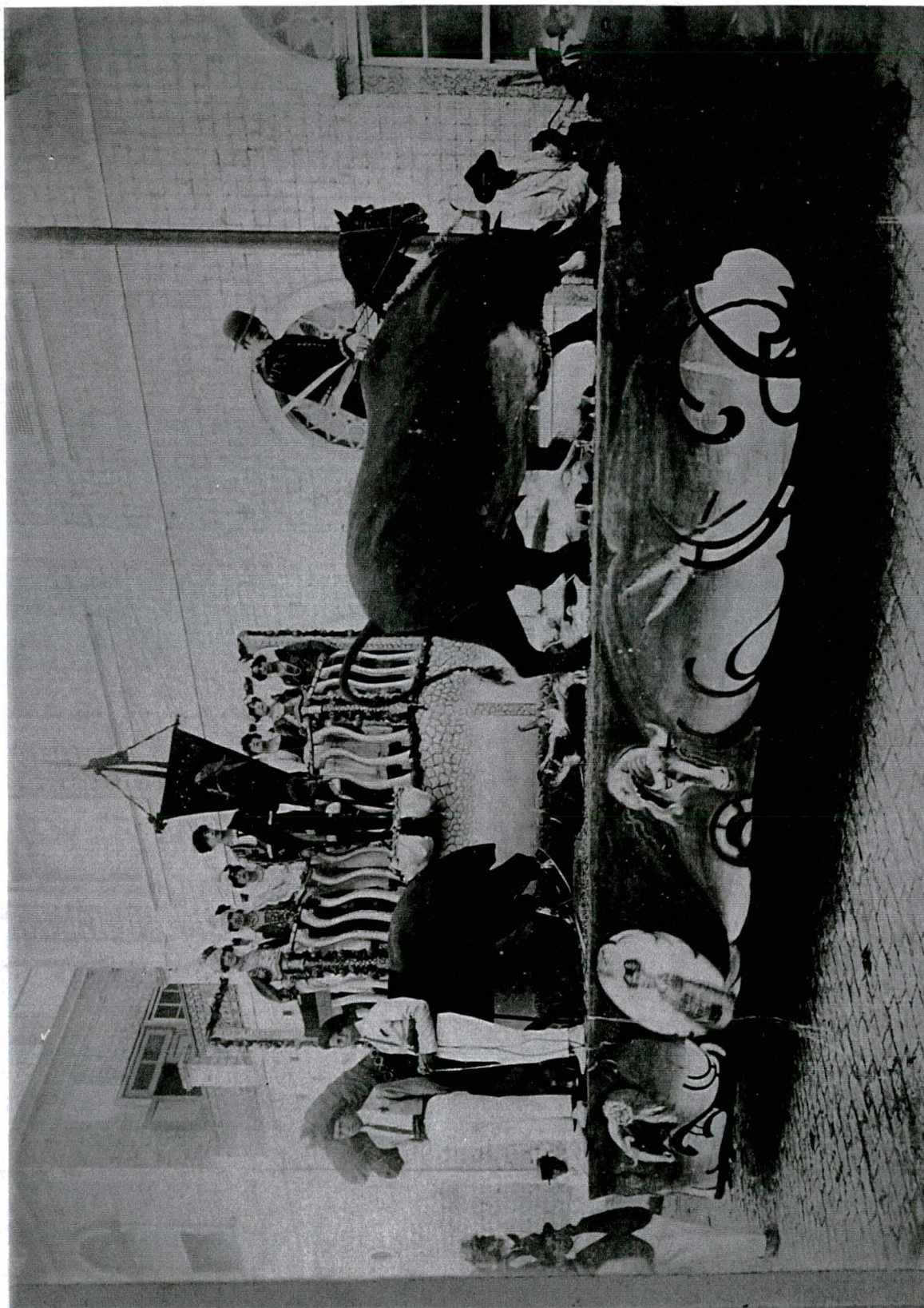
- Anexo 7:

Fotografia da comemoração da construção de um prédio no centro da cidade. Operários empunhando bandeiras ao fundo contrastam com a seriedade do olhar das crianças na esquina.



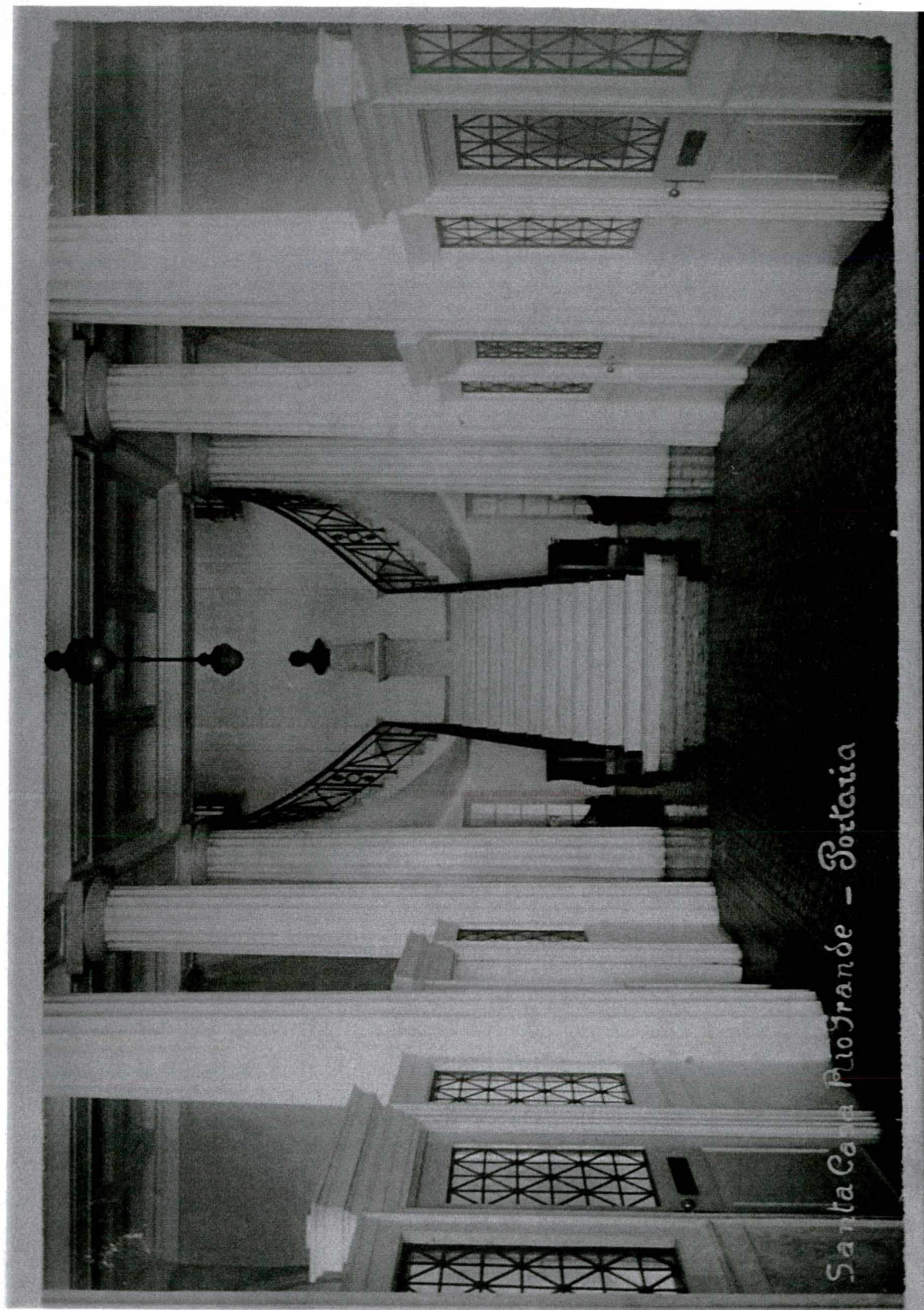
- Anexo 8:

Fotografia de um carro alegórico do Clube Carnavalesco Araras no Carnaval de 1918 em frente ao atualmente tombado “Sobrado dos Azulejos”.



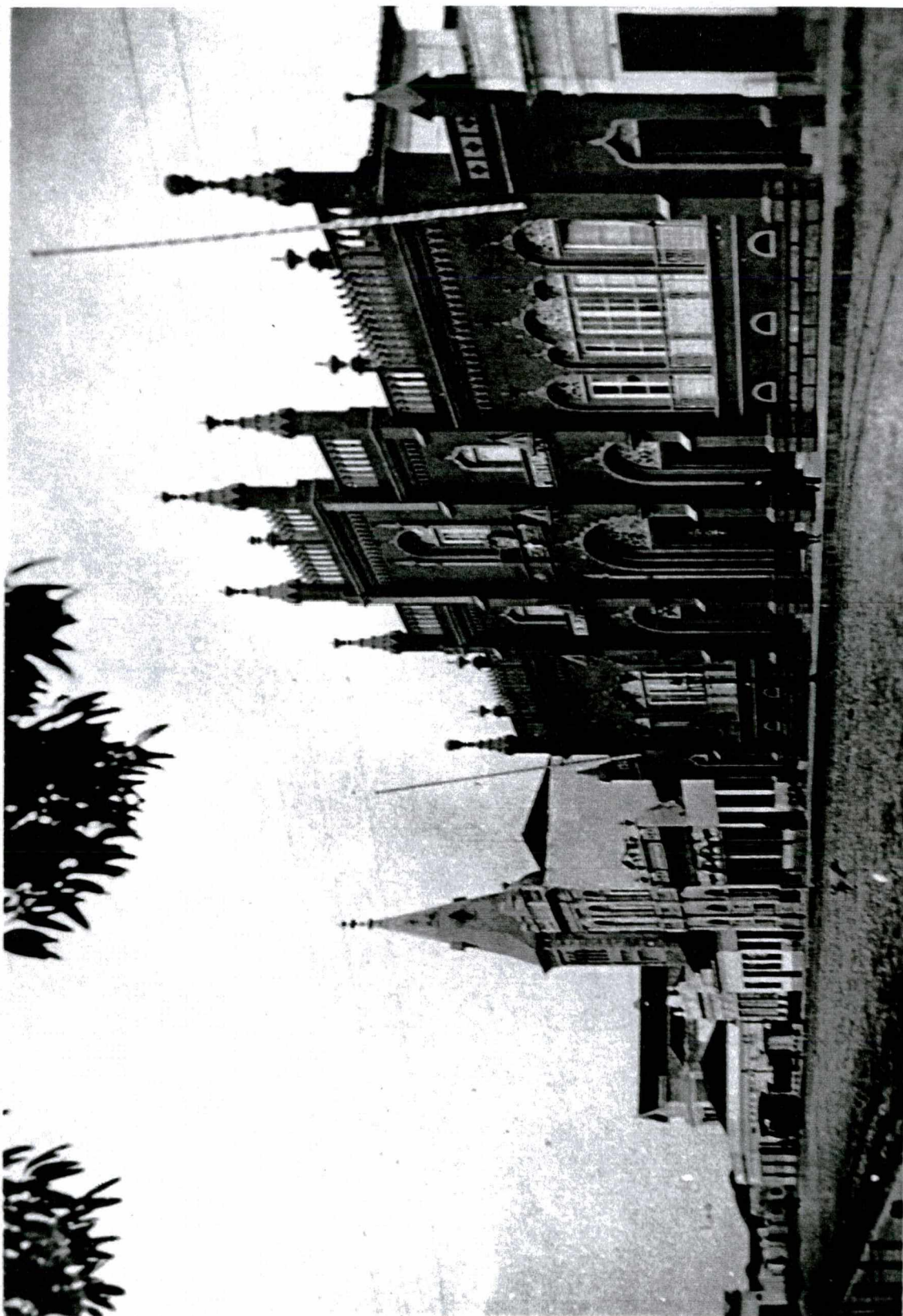
- Anexo 9:

Fotografia do hall de entrada da Santa Casa do Rio Grande, projeto realizado por um sobrinho de Augusto Duprat. Inspiração para as colunas é o Pátheron de Atenas.



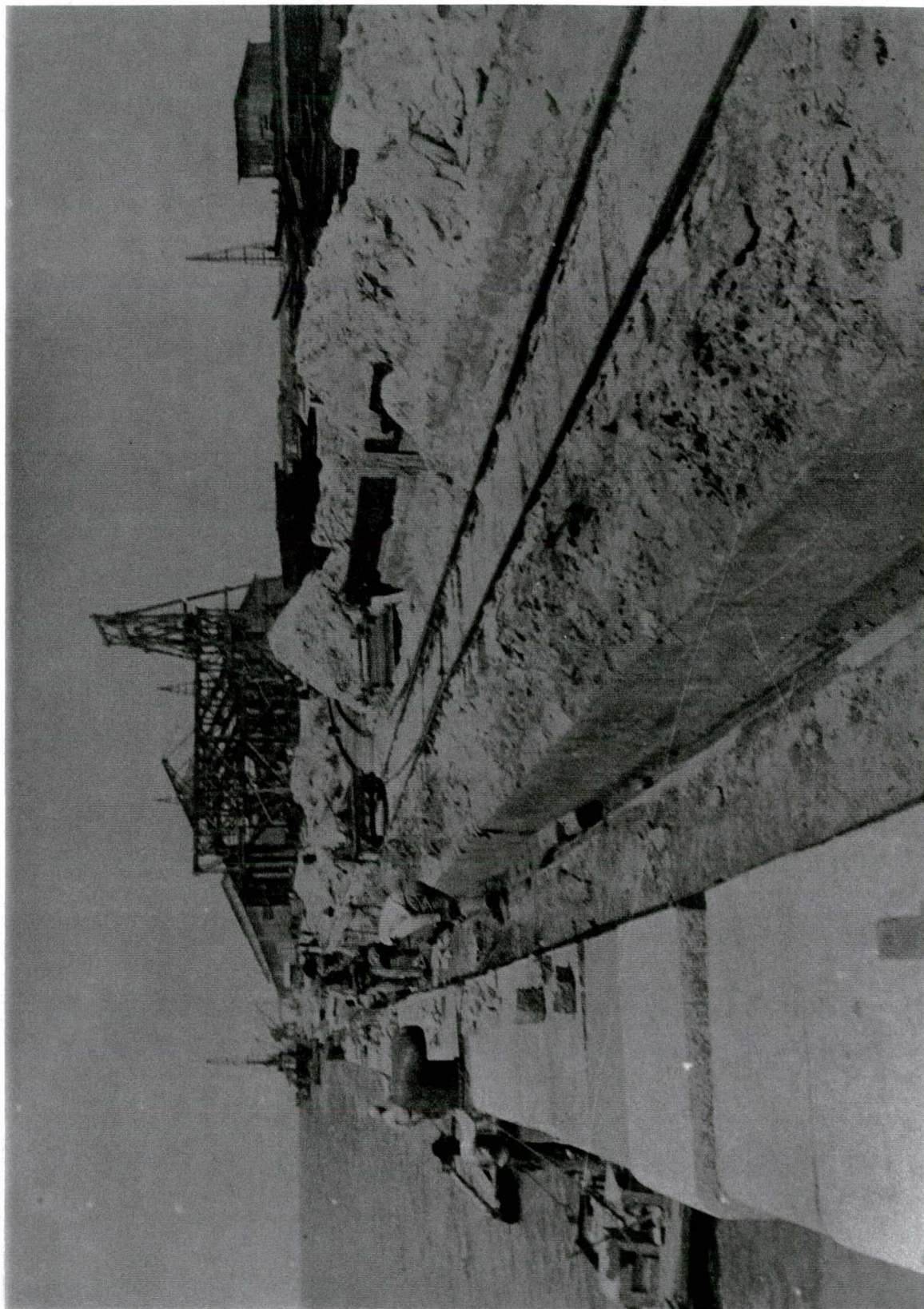
- Anexo 10:

Fotografia da fachada do hospital Beneficiencia Portuguesa, no inicio do século, detalhe para o bonde puxado a cavalo ao fundo.



- Anexo 11:

Fotografia da construção do porto novo, obra iniciada em 1917.



- Anexo 12:

Fotografia do centro da cidade ( atual rua Ewbank ), trabalhadores colocando os trilhos para o bonde.



- Anexo 13:

Fotografia da colocação dos trilhos para o bonde, em uma das principais ruas da cidade (a atual rua Marechal Floriano), passando ao lado da praça General Telles( atual praça Xavier Ferreira).



- Anexo 14:

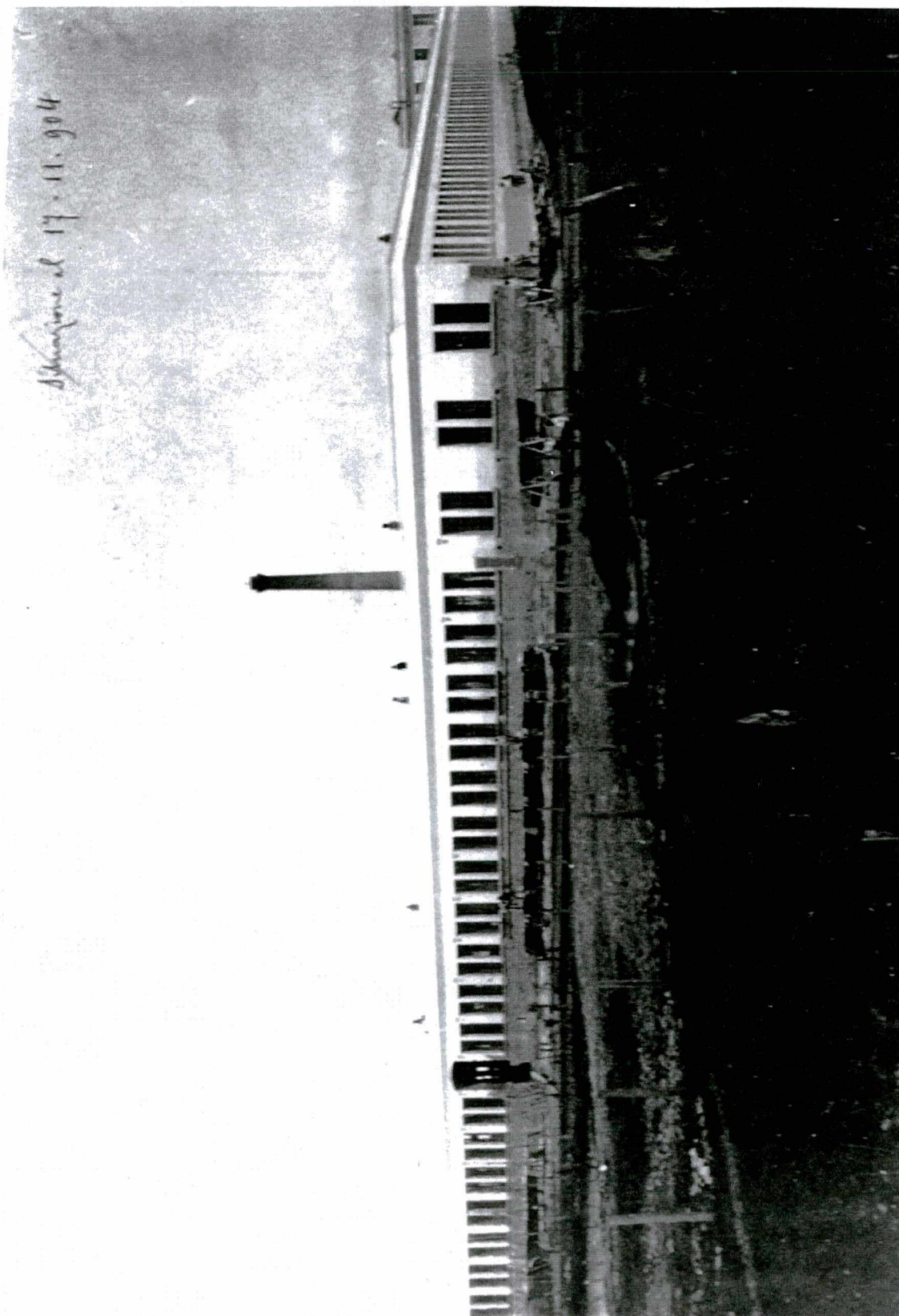
Fotografia da colocação dos trilhos para o bonde, trabalhadores instalam os trilhos trazidos pelas inovações tecnológicas, enquanto as carroças puxadas a cavalo ou a burro passam ao largo.





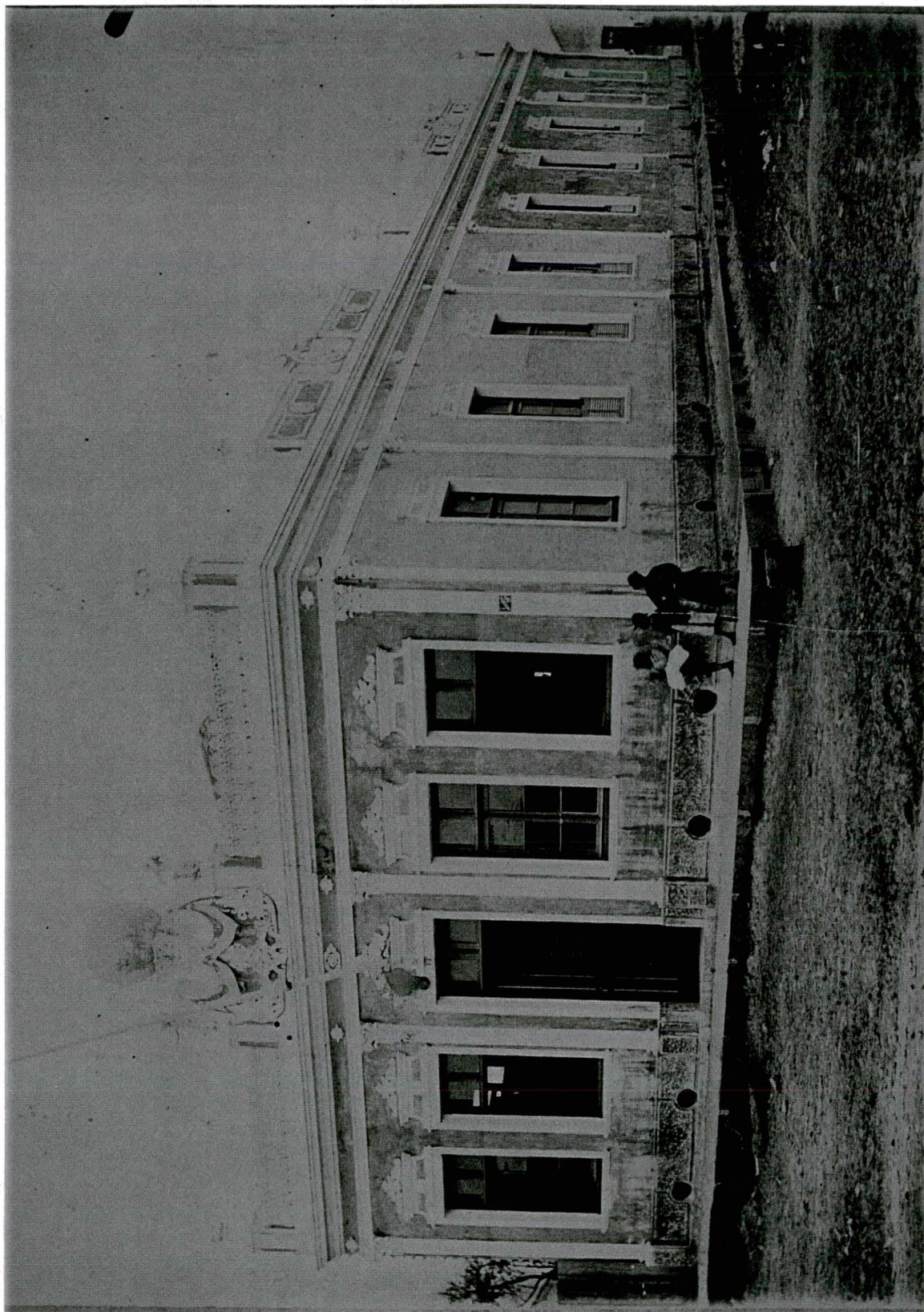
- Anexo 15:

Fotografia de uma das inumeras industrias existentes na cidade ( esta no caso demolida no final da decada de 70), industria Textil Italo- Brasileira.



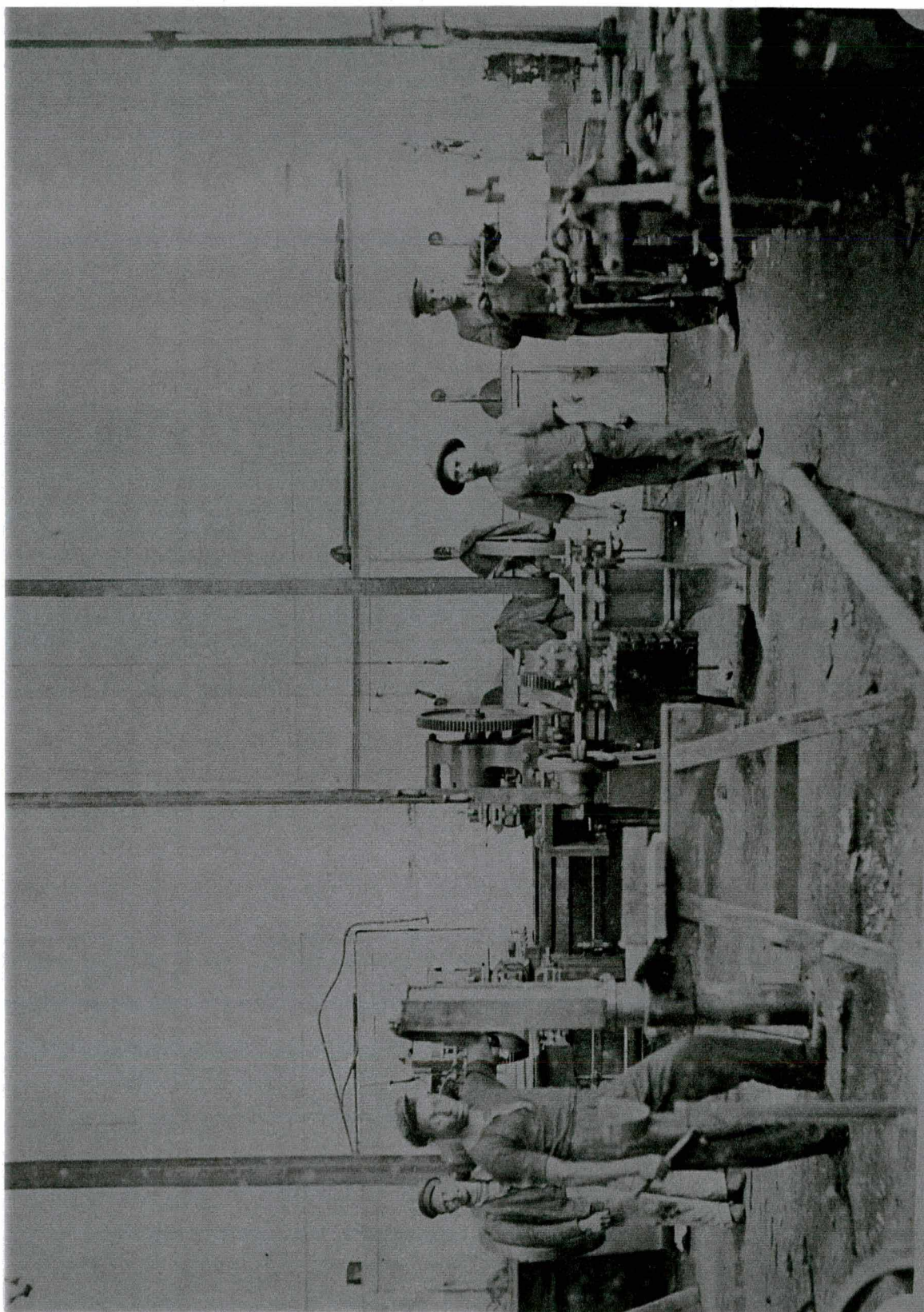
- Anexo 16:

Fotografia da fachada do prédio que sediava a União Operária, onde encontram-se crianças apoiadas na fachada.

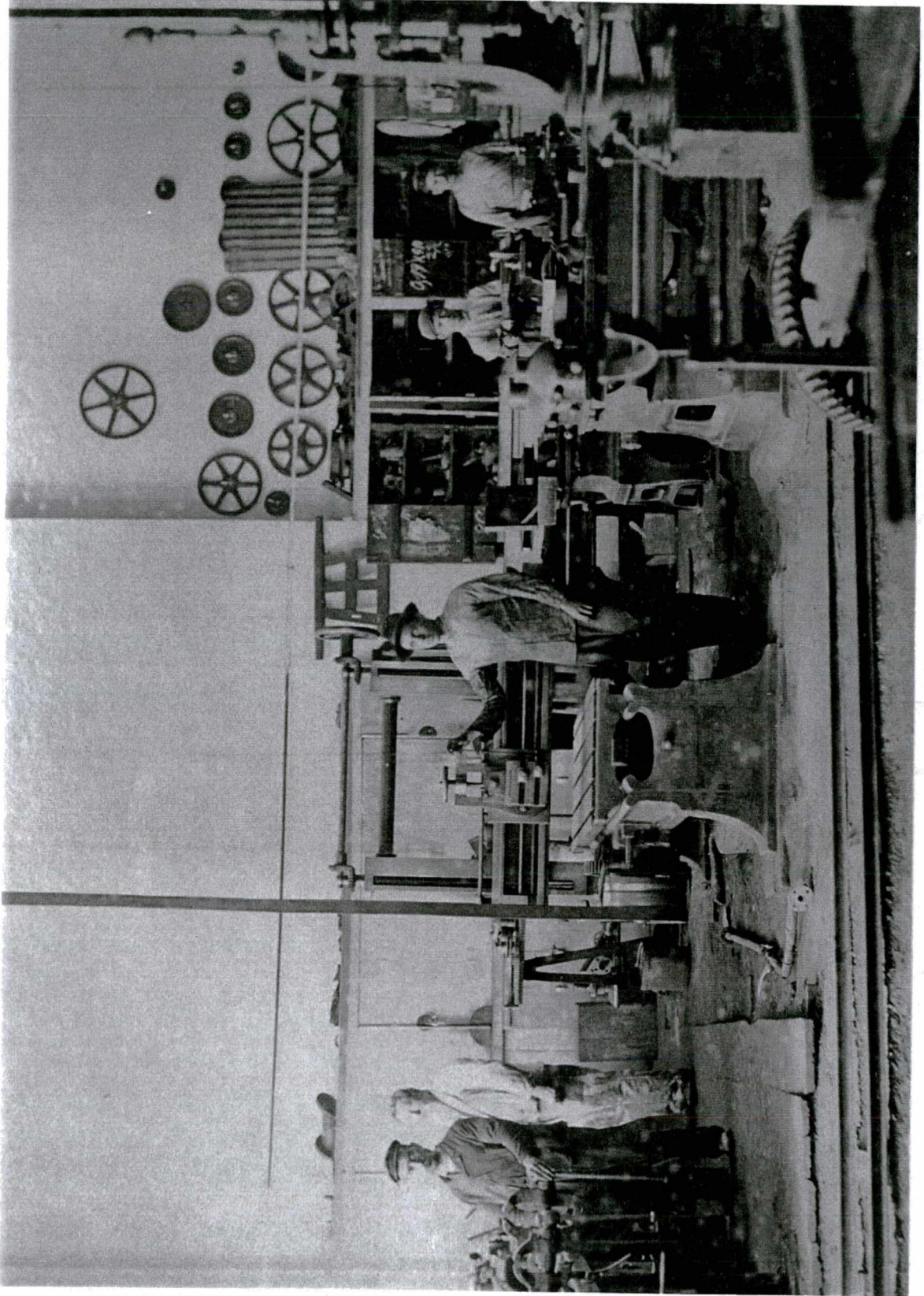


- Anexos 17 ( extensivo aos anexos 18 e 19):

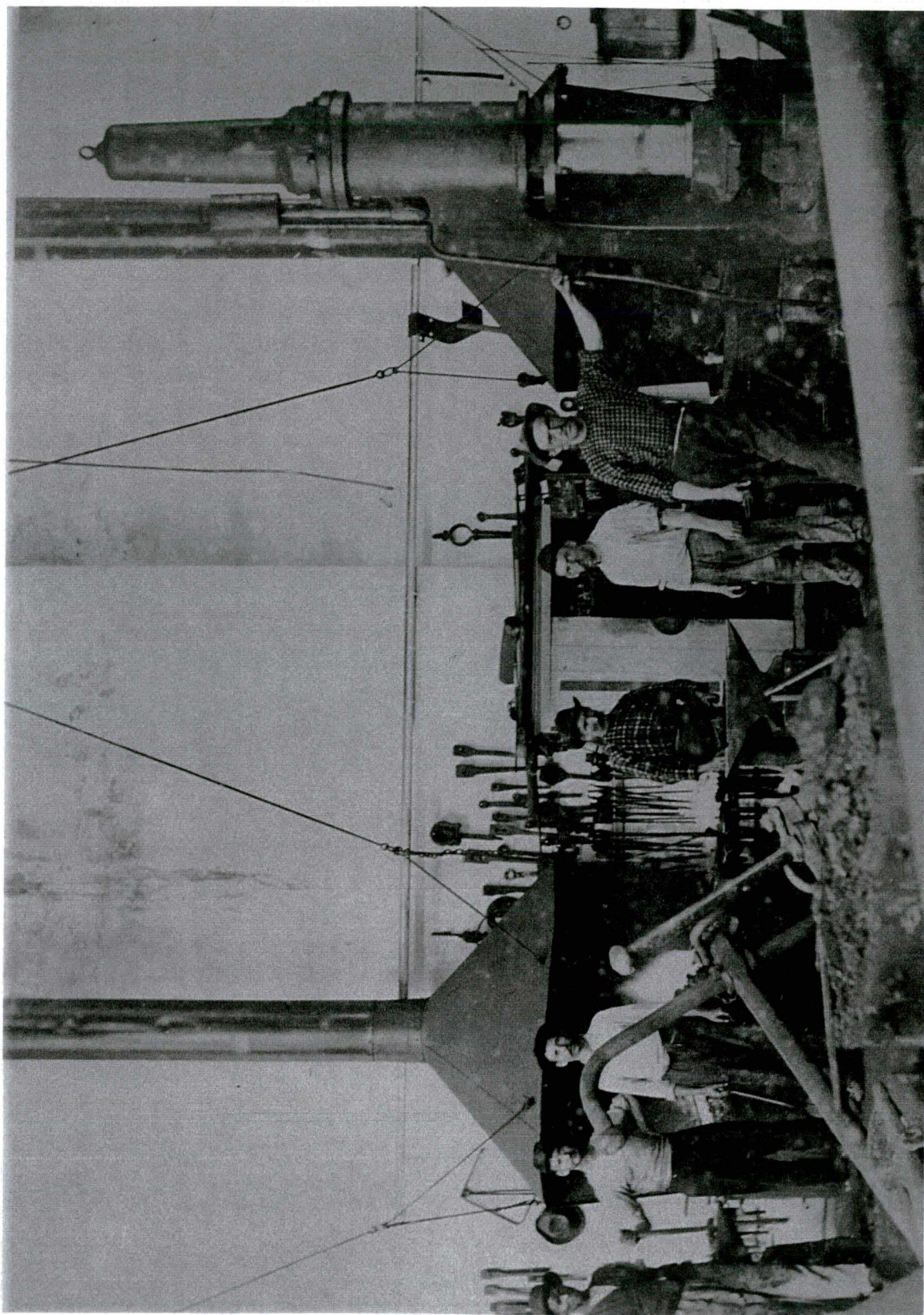
Fotografias das oficinas do porto, o otimismo da modernidade não parece estar refletido nos rostos destas pessoas no interior deste ambiente de trabalho. ( Detalhe para as máquinas, todas ligadas a um mesmo motor)



- Anexo 18:

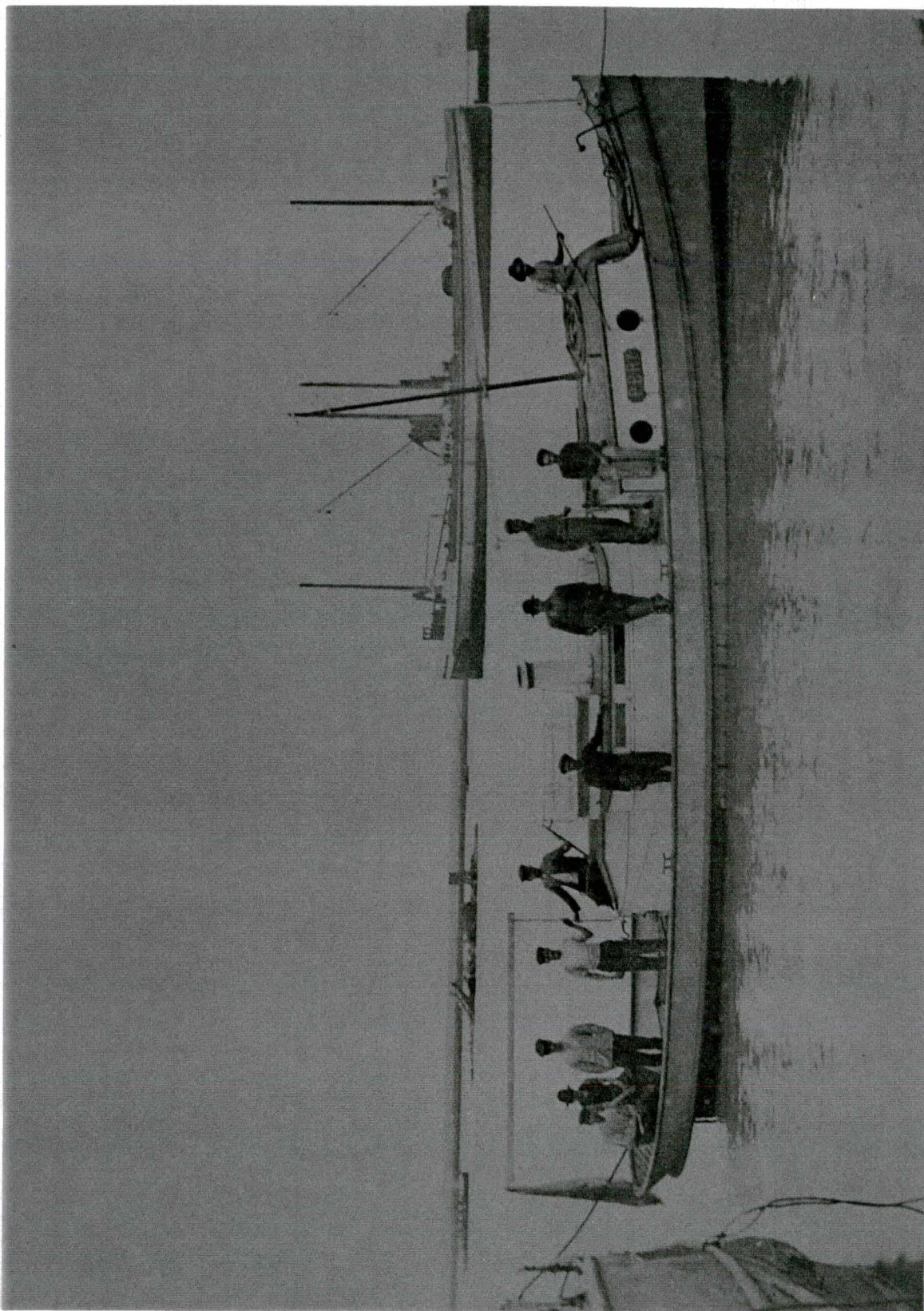


- Anexo 19:



- Anexo 20:

Fotografia do porto, navios a vapor fundeados e seus encarregados, neles teria chegado a doença, e os seus tripulantes, principalmente os foguistas seriam os primeiros a morrer.



- Anexo 21:

Fotografia do Congresso Médico ocorrido na cidade no ano de 1928, estão presentes na fotografia vários médicos que trataram a gripe em 1918, destaque para Augusto Duprat, quinto da esquerda para direita em pé.



## FONTES

**- Fontes Manuscritas:**

Livro de Registro do Cartório Civil da Segunda Zona da Vara do Rio Grande, referente aos óbitos no ano de 1918.

Livro de Sepultamento do Cemitério Católico, referente ao período 06/01/1912 a 02/11/1918, Santa Casa de Misericórdia do Rio Grande.

Livro de Sepultamento do Cemitério Católico, referente ao período 02/11/1918 a 02/12/1926. Santa Casa de Misericórdia do Rio Grande.

**- Fontes Impressas:**

Almanaque Globo ano 1918. Porto Alegre: Globo, 1917.

Almanaque Globo ano 1919. Porto Alegre: Globo 1918.

DUPRAT, Augusto et alii. *A propósito da Peste Bubônica no Rio Grande*. Rio Grande, 1909.

GRÖNSTEDT, Karl. *Tratamento da Gripe Espanhola*. Rio de Janeiro, 1919.

Jornal *O Echo do Sul*, números 134, 138 e do 225 ao 270, ano 1918.

Jornal *O Tempo*, números 174, 175, 176, 191 e do 254 ao 276, ano 1918.

Jornal *Rio Grande*, números 248 ao 281, ano 1918.



Relatório da Comissão de Saneamento Municipal do Rio Grande, ano 1917, arquivo da Prefeitura Municipal.

Idem, ano 1918.

Idem, ano 1919.

Relatório da Degacia de Higiene e Assistência Pública, ano 1917, arquivo da Prefeitura Municipal.

Idem, ano 1918.

Idem, ano 1919.

Idem, ano 1920.

*"Importa-se Deus Conosco?"*, publicação da Igreja Testemunhas de Jeova, 1992.

Revista Propagadora da Medicina Natural e Beneficente, número 25, ano 1911.

Revista Médico Cirurgica do Brasil, número 2, ano 1917.

Idem, números 2, 6, 8, 9, 10, 11, 12, ano 1918.

Idem números 2, 5, 9, ano 1919.

Revista Médica de São Paulo, número 22, ano 1904.

**- Entrevistas Orais:**

D. Elcy Medina Bomfigilo Olinto - Rio Grande, 1994.

D. Liúba Duprat - Rio Grande, 1993.

D. Olga Rosa Caripuna - Rio Grande, 1994.

**- Acervo Fotográfico:**

Museu Cidade do Rio Grande

## BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. *Sobre a História da Morte no Ocidente: desde a Idade Média*. Lisboa: Teorama, 1988.

BENCHIMOL, Jaime L. *Manguinhos do Sonho a Vida: a ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: FioCruz, 1990.

BENJAMIN, Walter . *Obras Escolhidas I; Magia e Técnica, Arte e Política*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.

\_\_\_\_\_ *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense 1994.

BENNESON, A. S. *El Control de las Enfermedades Transmissibles en los Hombres*. Washington: Organización Pan América, 1987.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. A Gripe Espanhola em São Paulo. In: *Ciência Hoje*, vol.10, n.58. São Paulo: SBPC, 1989.

\_\_\_\_\_ . A Gripe Espanhola no Município de São Paulo. In: SPÍNOLA, Aracy Witt de P. et alli. *Pesquisa Social em Saúde*. São Paulo: Cortez, 1992.

- \_\_\_\_\_. Os Usos da Enfermidade: a febre tifóide na República Velha. In: *Anais da V Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Curitiba, SBPH, 1986.
- BEVERIDGE, W. I. B. The Chronicle of Influenza Epidemics. In: *History and Philosophy of the Life Sciences*. vol. 13, n. 2. London: Taylor & Francis, 1991.
- BOLLE, Willi. *Fisignomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Edusp, 1994
- BRESCIANI, Maria Stella M. (org.) *Imagens da Cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Londres e Paris no Século XIX: o espetáculo da pobreza*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Permanência e Ruptura no Estudo das Cidades*. (conferência) Campinas: UNICAMP, 1990.
- BORGES, Jorge Luis. *História da Eternidade*. 3 ed. São Paulo: Globo, 1993.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo: USP, 1987.
- CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- CAMUS, Albert. *A Peste*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: a arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

- CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- CROSBY, Alfred W. *America's Forgotten Pandemic: the Influenza of 1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ECO, Umberto. *A Ilha do Dia Anterior*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Como Se Faz Uma Tese*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Seis Caminhos Pelos Bosques da Ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, .
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade*, vol. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 10 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1992.

GINZBURG, Carlo. *Mitos Emblemas Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MALUF, Marina . *Ruídos da Memória*. São Paulo, Siciliano, 1995.

MILLER, D.L. *Acute Respiratory Infections*. In: MILLER, D. L. & FARMER, .  
Epidemiology of Discurser. Oxford, Black Well, 1982.

MIRCO, Carmen Helena B. *Textos para o Estudo da História do Município do Rio Grande( XVI-XVIII)*. Rio Grande: Furg, 1987.

MOTOYAMA, Shozo (org.). *Tecnologia e Industrialização no Brasil*. São Paulo, Unesp, 1994.

PECHMAN, Sérgio & FRITSCH, Lilian. *A Reforma Urbana e o seu Averso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século*.  
In: Cultura & Cidades. São Paulo, ANPUH, 1984/85.

PECHMAN, Robeert M. (org) *Olhares Sobre a Cidade*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

PEDRO, Joana Maria . *Mulhres Honestas e Mulherès Faladas: uma questão de classe*.  
Florianópolis: UFSC, 1994

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra J. *A Burguesia Gaúcha: a dominação do capital e a disciplina do trabalho ( R.S. 1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

\_\_\_\_\_. *História do Rio Grande do Sul*. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. *República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: LePM, 1986.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. vol. 1. Campinas: UNICAMP, 1994.

PORTER, Roy. Expressando sua Enfermidade: a linguagem da doença na Inglaterra Georgiana. In: BURKE, Peter & PORTER, Roy. *Linguagem, Individuo e Sociedade*. São Paulo: UNESP, 1994.

PROST, Antoine & VICENT, Gérard. *História da Vida Privada 5: da primeira guerra aos nossos dias*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

PYLE, Gerald F. *Applied Medical Geography*. Washington: Whiston & Sons, 1979.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A Vila do Rio Grande de São Pedro (1737-1822)*. Rio Grande: Furg, 1987.

QUINTANA, Mario, *Caderno H*. 5 ed. São Paulo: Globo, 1994.

RIBEIRO, Maria Alica R. *História Sem fim....inventário de saúde pública*. São Paulo: UNESP, 1993.

RODRIGUES, Sued de Oliveira. *Santa Casa do rio Grande: a saga da misericórdia*. Rio de Grande: URG, 1985.

- SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil(1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SCLIAR, Moacir. *Cenas Médicas: pequena introdução a história da medicina*. Porto Alegre: UFRGS, 1987.
- SEARS, Alan. "Ensiná-los a Viver": a política de saúde pública, da tuberculose à Aids. In: *Physis- Revista de Saúde Coletiva*. vol. 3. n. 1. Rio de Janeiro: UERJ/ Dumará, 1993.
- SENNET, Richard. *Flesh and Stone: the body and the city in the western civilization*. New York: W. W. Norton & Cia, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- SINGER, Paul & at alli. *Prevenir e Curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.
- SOIHET, Rachel. O Rio de Janeiro na Belle Époque?: modernização conservadora e resistência popular (1890-1920). In: *Anais da X Reunião*. Curitiba: SBPH, 1991.
- SONTAG, Susan. *A Doença Como Metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- STEPAN, Nancy. *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Eugênia, Genética y Salud Pública: el movimiento eugenésio brasilenõ y mundial*. In: *Quipu*, vol. 2, n.3. Cidade do México: Universidad Católica, 1985.
- VOVELLE, Michel. *Ideolgia e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WEIMER, Günter & at alli. *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.